

HUMANISMO E UTOPIA EM A ILHA DE ALDOUS HUXLEY

Lucas Maia*

Objetiva-se, neste texto, discutir a obra de Aldous Huxley. Certamente que não o conjunto da produção literária e filosófica deste autor, que é demasiado vasta. Interessa-nos, unicamente, abordar o livro *A Ilha* (HUXLEY, 1974). Esta é a única utopia literária do autor. Como é já bem conhecido, Huxley é o autor do famoso livro *Admirável Mundo Novo* (HUXLEY, 1981), um livro anti-utópico.

A ilha de Pala, sociedade imaginada por Huxley no referido livro, é um contraponto à sociedade capitalista (urbana, industrial, tecnológica ...). Huxley, ao propor a possibilidade de a sociedade se organizar e viver de modo distinto, melhor do que a sociedade burguesa, retoma a tradição da literatura utópica. Trata-se de gênero literário que perdeu bastante espaço desde a década de 1980, tendo desta década para cá, poucos livros sido publicados com esta característica. A obra de Huxley vem a público em 1962.

Retomar o debate sobre utopia, o lugar das utopias literárias na produção artística já é em si elemento importante, pois a luta por uma nova forma de vida deve vir acompanhada também por um projeto e este é manifesto nas mais diferentes formas de utopia (utopias sociais, literárias etc.). Além disto, trazer à tona uma obra que, apesar da fama de seu autor, é menos lida e conhecida do que, por exemplo, *Admirável Mundo Novo*, amplamente citada e reverenciada como uma das melhores distopias do século XX, ao lado de *1984*, de George Orwell (ORWELL, 1986) é também outro aspecto a se considerar. Ou seja, ao analisar esta obra literária, também se coloca em debate o próprio livro, o autor, logo, contribui-se para sua divulgação e, logo, retomada de seu estudo, colocando em evidência o pensamento utópico.

Além de retomar o debate sobre utopia, utopias literárias, sobretudo numa época histórica em que este tema está tão relegado ao segundo plano, este artigo discute o modo como Huxley concebe a organização de uma sociedade dignamente humana, humanizada. Este ponto é fundamental, pois aponta exatamente para os elementos que dão certa concretude ao modo como se organizaria uma sociedade que fosse fundada sobre outras bases (sociais, econômicas, políticas, culturais, religiosas etc.).

A literatura, com suas metáforas, permite propor, criar, desenvolver aquilo que concretamente, realmente ainda não se desenvolveu plenamente. É, portanto, um laboratório

* Professor do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG. Doutor em Geografia. Pós-doutor em Sociologia. E-mail: maiaslucas@gmail.com

social. Assim, o que é malogrado na realidade pode ganhar realização autêntica na elaboração artística. É exatamente isto que Huxley realiza em sua utopia, tendo como base de sua elaboração um profundo e generoso humanismo, mesmo que ainda abstrato, como teremos oportunidade de demonstrar.

Com tais elementos em mente, cabe indagar: o que é utopia? Quais as suas formas? Qual a natureza da utopia apresentada na obra de Huxley? Qual a natureza do humanismo manifestado em *A Ilha*? Há elementos questionáveis em sua utopia, se sim, quais?

Utopia abstrata e utopia concreta

A palavra utopia foi literalmente inventada por Thomas Morus em seu famoso livro homônimo *Utopia* (MORUS, s/d). Depois de Morus, uma infinidade de autores já escreveu também obras utópicas. Não convém, nos limites deste texto, fazer qualquer tentativa de resenhar um tal material¹. De qualquer forma, um elemento a ser pontuado, já discutido por Bloch (2005)², é o fato de haver, em determinados momentos históricos, que ele denomina “mudanças de época”, uma maior presença do pensamento utópico. Ele dá grande destaque ao período da renascença europeia, uma mudança de época, poderíamos chamar, clássica. Neste período, houve uma ascensão do pensamento utópico e algumas das grandes obras da humanidade surgiram aí, tal como, a já citada *Utopia* de Thomas Morus, a *Cidade de Sol* (CAMPANELLA, 1978), a *Nova Atlântida* de Francis Bacon (BACON, 2005) etc.

Esta constatação de Bloch é interessante para perceber, também, por que em determinados momentos o pensamento utópico perde lugar e importância. A época contemporânea é um exemplo disto. Depois das grandes lutas operárias e estudantis dos anos de 1960 e 1970, houve um grande recrudescimento do pensamento utópico, o qual começa, ainda que timidamente, a ser retomado com a emergência do chamado movimento antiglobalização do final dos anos de 1990 e início dos 2000³.

Outra grande contribuição de Bloch é sua distinção entre utopia concreta e utopia abstrata. O pensamento utópico é aquele que antecipa, mesmo que idealmente, uma vida nova, uma vida melhor. Onde há uma vida malograda, haverá também ali a condição de possibilidade de emergência do pensamento utópico. Este, ao desejar, ansiar, querer uma vida melhorada, antecipa, ainda no nível do pensamento, a realização desta vida. As utopias literárias são o grande exemplo disto, embora Bloch reconheça que o pensamento utópico também se manifeste

¹ Sem dúvida, o melhor levantamento (analítico) de tais utopias encontra-se em Bloch (2005; 2006a; 2006b). Mas há também vários outros, menos densos, como: Petitfils (s/d), Coelho (1981) etc.

² Em Maia (2024), há uma exposição didática da teoria da utopia de Ernst Bloch.

³ Ver, por exemplo, o livro *Fim: a queda do império americano* (MATIAZS, 2001). Apesar de o elemento utópico presente no livro ser bastante restrito, abrangendo poucas páginas no todo da obra.

na música, nas artes em geral, no pensamento político, filosófico, teórico (as utopias sociais), na arquitetura etc.

As utopias abstratas são os tipos mais comuns de pensamento utópico. Consistem na descrição de sociedades ideais (tanto existentes num futuro, quanto em ilhas isoladas etc.). Estas sociedades geralmente consistem numa crítica ao mundo contemporâneo de seu criador. Sucedendo esta crítica, vem a proposição de um mundo melhor desenvolvido, no qual a possibilidade de realização mais ou menos plena dos indivíduos está concretizada. Ele as denomina de utopias abstratas porque nelas não se visualizam os meios pelos quais tais sociedades podem vir a ter vez no mundo, ou seja, saírem dos livros e se tornarem realidade concreta. Também, em momentos decisivos, tais utopias não conseguem, ao propor o novo mundo, pensar além dos conceitos e da realidade de onde emergem. Assim, é comum propostas de humanização do comércio, de um Estado benevolente, de diminuição e não superação dos antagonismos de classe, das desigualdades sociais etc. Tentando superar o mundo existente, o máximo que conseguem é dar uma faixa humana ao que é, em essência, desumano e injusto.

As utopias concretas são aquelas formas de manifestação do pensamento utópico em que esta grande debilidade da utopia abstrata é superada. Bloch cita como grande exemplo deste tipo de utopia o pensamento de Marx. Este consiste numa crítica radical da sociedade capitalista, bem como apresenta vários vislumbres de como possivelmente poderia se organizar a futura sociedade, erguida a partir da abolição da sociedade burguesa. Bloch as denomina de utopia concreta exatamente porque o pensamento utópico não está desvinculado do movimento real, concreto da sociedade capitalista. As contradições, lutas existentes e características desta sociedade são o motor, a força que pode elaborar novas relações sociais (comunistas, anarquistas, autogeridas, dê lá o nome que se queira)⁴.

O pensamento de Marx é a demonstração concreta de que também as ideias são uma “força material” pois são também parte do real. Por serem constituintes da realidade concreta, elas também são forças intervenientes. As ideias não são algo passivo diante das relações sociais concretas. Assim, uma época em que o pensamento utópico ganha força e significado, a própria utopia passa a ser elemento que direciona a luta, estimula e contribui com a mobilização da ação. Uma utopia concreta, quando bem consistente, é ela própria parte da luta.

A utopia concreta, portanto, não consiste somente numa descrição bem-intencionada de uma sociedade ideal, embora contenha também elementos disto. É uma antecipação no

⁴ Em Maia (2020), demonstramos a superioridade do termo Autogestão Social em relação a Anarquia, Comunismo e Socialismo.

pensamento de processos que estão em curso, como tendências, expressando conteúdos latentes. Segundo terminologia de Bloch (2005), é expressão, ao nível das ideias (a consciência antecipadora), de algo que ainda-não-existe. A ontologia do ainda-não, segundo a articula Ernst Bloch, é a pedra angular de seu pensamento. A utopia que consegue apreender adequadamente a tendência-latência de seu tempo, que expressa corretamente a possibilidade (concreta) é uma utopia concreta.

Neste momento, convém retomar a famosa distinção existente entre utopia e ucronia⁵, sendo mais comum o termo distopia para qualificar tais tipos de produções culturais. Utopias são, como já apresentado, uma antecipação, antevisão, apreensão de uma realidade na qual os malogros desta sociedade estejam superados. É uma vida realizada e plenificada. Pelo contrário, as ucronias (VIANA, 2018) são descrições de sociedades futuras (ou em lugares remotos), nas quais a vida está ainda mais degradada, piorada do que na atualidade. As ucronias estão muito em moda nos dias atuais, basta lembrar a quantidade de filmes, séries (de TV e plataformas de streaming) e livros recentes com tal temática. Como exemplo, pode-se indicar a série *The Walking Dead*, o filme *Elysium*, o livro *A Cidade e a Cidade* (MIEVILLE, 2014) etc. Neste particular, há que distinguir entre as ucronias que expressam um pensamento crítico, tal como o filme *Elysium* e o livro *A Cidade e a Cidade* e outros que são puro pessimismo e niilismo, como a série *The Walking Dead* e várias outras. Estas, na verdade, estão muito mais em moda na contemporaneidade.

Qual é, então, a utopia apresentada em *A Ilha* de Aldous Huxley?

Pala: uma vida dignamente humana

O pensamento utópico emerge diante de uma realidade insatisfatória. A insatisfação, não-realização, sofrimento produzidos pela realidade são a base a partir da qual se constituem as utopias: boas ou más, factíveis ou inverossímeis, possíveis ou completamente despropositadas. Como lembra Ernst Bloch, o ainda-não que nos constitui como seres humanos é a pulsão fundamental (BLOCH, 2005; MAIA, 2024), a seiva que alimenta a imaginação que edifica a utopia. *A Ilha* de Aldous Huxley é uma realização deste tipo de pensamento. Mas em que a vida em Pala é melhor do que a da sociedade urbana, industrial, tecnológica, ou seja, burguesa?

Huxley realiza aqui o mesmo procedimento muito comum nas mais diversas utopias, qual seja, isolar um lugar (ilha, cidade, país, planeta), um tempo (passado, presente ou futuro)

⁵ Uma discussão sobre isto é realizada em Coelho (1981), Fraga (2016) etc. Viana (2018) realiza didática diferenciação entre tais conceitos.

e utilizá-los como laboratório de experimentos sociais. A ilha por ele imaginada é Pala, localizada em algum lugar do pacífico, isolada por um grande estreito que a separa de Rendang-Lobo (república que simboliza uma ditadura típica de um país subdesenvolvido) e ladeada por montanhas escarpadas, características geográficas que impediram que fosse colonizada e explorada visceralmente como ocorreu em todos os países subdesenvolvidos. A palavra Pala vem de Páli, língua na qual foram transcritos os ensinamentos de Sidarta Gautama, o primeiro Buda. Huxley, como é sabido, a partir de dado memento de sua vida tornou-se profundamente místico, tendo grande influência do misticismo oriental em seu pensamento. Pala é, sem sombra de dúvidas, uma aplicação de seus conhecimentos esotéricos e psicodélicos, mas também de suas concepções éticas, políticas, seu humanismo. Enfim, sobre o que o homem é e sobre o que ele pode ser.

Pala teve um desenvolvimento histórico peculiar, que abordaremos mais à frente, e tal desenvolvimento permitiu a ela se tornar uma espécie de oásis social no qual a felicidade, dignidade, liberdade não são meras palavras para sua população. Constituem sua experiência cotidiana. O trecho principia com um naufrago, saindo de Rendang-Lobo e tendo o pequeno barco destruído por uma grande tempestade. Por sorte, as ondas o levam para a única praia de areia da ilha. É encontrado por duas crianças, Tom Krishna e Mary Sarojini, após ter conseguido subir, a partir da praia, íngremes escarpas. É levado para o bangalô do Dr. Robert McPhail, onde inicia seu tratamento físico, pois machucara o joelho durante a subida da praia para o altiplano; psíquico, pois os nativos da ilha veem todos os estrangeiros como acometidos por graves danos mentais; e também sua evolução de consciência, como teremos ocasião de demonstrar.

A trama é aparentemente simples. Um estrangeiro, que conhece parcamente a ilha, vai a pouco e pouco se informando e se formando, portanto, alterando-se como ser humano, à medida que vai conhecendo como as pessoas da ilha vivem. Como fazem amor, como são suas famílias, a educação das crianças, a dinâmica econômica, a divisão do trabalho (ou quase inexistência dela), as práticas religiosas e toda a sociabilidade que fundamenta a vida em Pala. Sobre a evolução deste personagem, o naufrago, Will Farnaby, trataremos com mais detalhe em seção posterior.

A utopia sempre se caracteriza por melhorar, por tornar real (mesmo que só imaginariamente) o ideal de uma vida perfeita (BLOCH, 2005). Em que pese tal afirmativa não seja muito exata para a utopia de Huxley, pois Pala não é perfeita, mas uma sociedade melhorada, em vários aspectos superior à sociedade burguesa, mas que tem consciência de suas falhas e de suas potencialidades. Portanto, não é perfeita, mas melhor, muito melhor, do que o

capitalismo, privado e estatal (o dito socialismo real). O perfeito remete ao acabado, pronto, concluído. Pala está sempre em processo e sabe disto. Luta para manter-se neste estado aperfeiçoado, mas esforça-se conscientemente para sempre criar melhores condições, de acordo com suas possibilidades, ou manter em mudança, desenvolvimento a vida já conquistada. Isto pode ser percebido, por exemplo, no livro *As notas sobre o que é quê*, do Velho Rajá, personagem que discutiremos adiante, que é uma espécie de descrição dos princípios éticos de Pala, o qual Will lê com interesse, onde encontra-se a seguinte afirmação: “Ainda não existiu uma só sociedade que, sendo criada por Bons Seres, fosse constantemente atualizada. Isso não quer dizer que tal sociedade jamais existirá e que nós sejamos idiotas por estarmos tentando pô-la em prática aqui em Pala” (HUXLEY, 1974, p. 53).

Huxley, como humanista, aponta genericamente que a vida produzida pela sociedade burguesa é o que denomina de “vida cinza” (HUXLEY, 1974, p. 87), indicando com isto um estado permanente de infelicidade, não realização, horrores, poder, cobiça, loucura etc. A esta vida cinza, contrapõe-se Pala com outra radicalmente oposta. Num diálogo entre Will, Mr. Bahu (embaixador de Rendang-Lobo em Pala) e Rani (mãe de Murugan, futuro rei de Pala) expressa-se bem a oposição entre a vida cinza e a vida palanesa. Mr. Bahu afirma que a política em Pala está: “Inteiramente certa porque visava a dar o máximo de liberdade e de felicidade concebíveis a cada homem, mulher e criança dessa encantadora ilha (HUXLEY, 1974, p. 77). Como alguém pode ser contra isto? Há tais pessoas e estas tem projetos e interesses diferentes: modernização, industrialização, petróleo, exército, militarismo etc.

O diálogo abaixo ilustra a situação e encruzilhada de Pala, sua oposição ao que representa diante do mundo, bem como seu destino:

— Naquela época, Pala não constava dos mapas. A ideia de transformá-la num oásis de liberdade e felicidade tinha razão de ser. Enquanto permanecer sem contato com o resto do mundo, uma sociedade ideal pode subsistir. Eu diria que Pala era completamente viável até cerca de 1905. Mas em menos de uma geração, o mundo se transformou completamente. Os cinemas, os automóveis, os aeroplanos e o rádio, apareceram. E com eles a produção em massa, a matança em massa, a comunicação em massa e, dominando tudo, a massa – gente cada vez mais gente, acomodados em cortiços e subúrbios cada vez maiores. Por volta de 1930, qualquer observador esclarecido teria notado que, para três quartos da raça humana, a liberdade e a felicidade eram assunto quase fora de discussão. Hoje, após trinta anos, estão completamente fora de questão. *Enquanto isto, essa pequena ilha de liberdade e felicidade vem sendo envolvida pelo mundo.* O cerco vem se fechando vagarosa e inexoravelmente em torno dela. Aquilo que antes era um ideal viável, agora não o é mais.

— Na sua opinião, Pala terá de se transformar?

— Radicalmente – respondeu.

— Dos pés à cabeça — disse a Rani com o prazer sádico de um profeta.

— E por duas irrefutáveis razões — continuou Mr. Bahu. — *Primeiro, porque é simplesmente impossível que Pala continue sendo diferente do resto do mundo. Segundo, porque não é justo que seja diferente* (HUXLEY, 1974, p. 77/78) (grifos meus).

Trata-se do modo como um embaixador de um país vizinho, que deseja invadir e colonizar Pala, concebe a vida das pessoas nesta afortunada ilha. São felizes e livres, o ideal mais sublime e recorrente em todas as utopias. A liberdade e a felicidade, contudo, não implica que não sejam humanos, ou seja, a velhice, a doença e a morte não estão extirpadas de Pala (a morte acidental de Dugald, esposo de Susila McPhail, o câncer de Lakshimi, esposa do Dr. Robert McPhail, ilustram esta intenção de Huxley). Estes três aspectos são abordados por Huxley e refletem sua adesão ao misticismo oriental (sobretudo uma influência do budismo), mas outras formas de misticismo também, como se vê em sua obra *A Filosofia Perene* (HUXLEY, s/d a). Para esta tradição de sabedoria oriental, um terço do sofrimento humano é inevitável e os outros dois terços são completamente desnecessários. Assim, envelhecer, adoecer e morrer são processos que geram dor e sofrimento e dos quais nenhum ser humano está livre. Os outros dois terços, com sabedoria, autoconhecimento, liberação dos apegos etc. são evitáveis. E mesmo os sofrimentos inevitáveis, podem ser encarados e vividos com serenidade. É a famosa assertiva de Sidarta Gautama, o primeiro Buda, que afirmava que mostrava o sofrimento e a forma de superá-lo através do “despertar” e da “iluminação”.

Mas Pala, segundo pensa o embaixador, não tem o direito de permanecer feliz e livre, porque isto chega mesmo a ser injusto com o resto da humanidade. Além do mais, o mundo modernizado com seus novos meios de transporte, de comunicação não permitem mais que Pala seja uma ilha isolada. Assim, o poder, a cobiça, ambição, interesse pelo lucro, petróleo (Pala tem grandes reservas de petróleo não exploradas por nenhuma corporação) estão às voltas da ilha e irão, cedo ou tarde, invadi-la. Esta é sua encruzilhada. E qual vencerá? A vida cinza do capitalismo ou a felicidade e liberdade palanesas?

Pala dispõe de alguns mecanismos que propiciam este estado de existência. Destacaria aqui os seguintes: a) uma divisão do trabalho que proporciona a cada indivíduo um ótimo de satisfação; b) uma família ampliada e reorganizada de modo a não tornar nem filhos, nem pais escravos da vida familiar; c) um processo de educação formal que integra paulatinamente cada indivíduo à vida livre e feliz de Pala; d) uma prática religiosa não-dogmática e não-teológica que reflete bem a conexão permanente dos indivíduos consigo mesmos, com o aqui e agora; e) uma liberdade irrestrita na prática do amor, o que gera pessoas satisfeitas e realizadas, ou seja, felizes; f) união e síntese do que há de melhor do ocidente e do oriente; g) tudo isto só foi possível criando condições sociais de vida e existência dignas para todos os indivíduos, sendo a eliminação da escassez e fome condição primeira.

Todos estes pontos listados aparecem em vários momentos da obra e constituem a totalidade que é a sociedade palanesa. Terei de apresentá-los aqui de modo separado, de forma

estanque por mera conveniência de exposição. Mas que fique claro que eles constituem processos entrelaçados, partes de um todo conformando uma totalidade viva.

Divisão social do trabalho. A crítica da divisão social do trabalho é algo recorrente em inúmeras utopias, mas é muito comum também todas elas terem bastante dificuldade de superar integralmente esta questão. A divisão social do trabalho é o processo de cristalização, fixação do indivíduo a uma ou conjunto de atividades. Ao fixar-se nesta ou naquela atividade, um conjunto de indivíduos constituem esta ou aquela classe social. A divisão social do trabalho nada mais é do que a divisão da sociedade em classes sociais (MARX, ENGELS, 1976), (VIANA, 2012).

Huxley tem uma interessante crítica a este processo, apesar de não conseguir superar o problema em sua totalidade, cedendo assim à episteme burguesa⁶. A este limite, daremos maior destaque adiante. Por aqui, basta ilustrar como Huxley se expressa. Esta questão é discutida por Huxley num diálogo entre Will, Dr. Robert e Vijaya, quando estes últimos, profundos intelectuais, estão suados, pois estavam na lida nos campos:

Entrando no boxe do chuveiro mais próximo, abriu a torneira. Vijaya acompanho-o.
 — Vocês são mesmo intelectuais? — perguntou-lhes Will quando os dois saíram dos chuveiros e estavam se enxugando.
 — Fazemos trabalho intelectual! — respondeu Vijaya.
 — Então, qual a razão de toda esta trabalheira?
 — A razão é muito simples: durante esta manhã, tive algum tempo disponível.
 — E eu também — disse o Dr. Robert.
 — Então foram para os campos e agiram à Tolstoi!
 Vijaya sorriu e disse:
 Parece imaginar que o fazemos movidos por razões éticas!
 — E não é?
 — Certamente que não. Faço trabalho braçal simplesmente porque tenho músculos e, se não os usar, me transformo num sedentário mal-humorado (HUXLEY, 1974, p. 181)

Após uma longa crítica do Dr. Robert à ultraespecialização dos intelectuais ocidentais e os danos que isto provoca no organismo humano (mente e corpo), Will indaga:

— Resolver cavar e cavoucar como uma forma terapêutica?
 — Não como tratamento, mas como um método profilático que torne desnecessário o tratamento. Em Pala, os professores e os funcionários do governo trabalham pelo menos duas horas por dia, cavando e cavoucando.
 — Como parte de suas obrigações?
 Sim. Mas isso também faz parte dos seus prazeres.

⁶ Episteme é uma “determinação formal do pensamento”, uma “forma subjacente de pensar”. Ela é insciente, ou seja, não é imediatamente clara à consciência. Somente a episteme marxista é autoconsciente. A episteme é a forma como o pensamento é constituído. Ela tem grande importância na elaboração do conteúdo, mas não se confunde com este. Entre outras determinações, a episteme é importante elemento na determinação do conteúdo do pensamento, mas ela mesma é a forma como este é produzido. Concretamente, a episteme determina a forma de produção do pensamento a partir dos campos mentais, que são: campo axiomático (valores e interesses), campo linguístico (conjunto de signos e significados), campo analítico (conjunto de métodos, procedimentos etc. analíticos) e campo perceptível (conjunto de fenômenos que é possível perceber a partir de determinada episteme). À medida que fomos apresentando nossa análise de A Ilha, alguns destes conceitos ficarão mais claros. Trata-se de teoria elaborada por Viana (2018; 2019). Fizemos em Maia (2021) extensa exposição desta teoria.

Will fez uma careta e comentou:

— Eu não consideraria isso um prazer!!

— A sua atitude é decorrente do fato de não lhe terem ensinado a usar apropriadamente a sua mente e o seu corpo — explicou Vijaya. — Se lhe houvessem ensinado a fazer as coisas com o mínimo de esforço e máximo de atenção, você apreciaria mesmo a labuta honesta (HUXLEY, 1974, p. 181/182)

Em Pala, portanto, há uma grande flexibilização nesta divisão social do trabalho. Apesar de não ser superada completamente, pois lá ainda existem os “funcionários do governo”, há a existência de uma família real etc., ou seja, fixações dentro de determinada atividade social. Isto demonstra uma certa limitação na utopia de Huxley, que não consegue, pela via do pensamento, razão e imaginação superar completamente as limitações impostas pela realidade social burguesa. De qualquer forma, destaca-se nestas citações: a) não existe uma rígida separação entre trabalho intelectual e manual; b) a realização de trabalho manual e intelectual simultaneamente permite um desenvolvimento mais integral do ser humano, além de se constituir como uma espécie de profilaxia contra a “vida cinza” do capitalismo; c) além de ser uma obrigação realizar trabalho manual, isto também se constitui como uma fonte de prazer, ou seja, trabalho como realização e não como alienação⁷. Além de Pala apresentar soluções para esta divisão social do trabalho, ou seja, separação entre trabalho manual e intelectual, em outro momento da obra, Huxley faz interessante apontamento sobre a prática de, em Pala, ser comum a cada indivíduo realizar várias atividades ao longo da vida. Ou seja, não se é operário, professor, camponês etc. durante a maior parte ou às vezes, à vida inteira, como ocorre na sociedade burguesa (e todas as demais sociedades classistas). De acordo com suas aptidões, interesses, cada indivíduo vai ao longo dos anos exercendo diversos tipos de trabalho, constituindo uma espécie de divisão temporal do trabalho, que é uma forma superior de sincronizar o indivíduo às atividades sociais necessárias.

Organização da vida familiar. Uma vida livre e feliz exige uma reconsideração sobre um dos pilares da sociedade burguesa, a família. Trata-se de instituição na qual o indivíduo tem sua primeira fase de socialização e a qual, de alguma maneira, está vinculado, psíquica, material e emocionalmente por toda a vida. Mesmo havendo rompimento definitivo de um indivíduo com toda a sua família, psiquicamente ele estará ligado, de um ou outra maneira, aos laços que se constituíram durante sua socialização primária. A família, deste ponto de vista, é prisão,

⁷ Huxley é um pensador que chegou às mesmas conclusões que Marx em vários temas. Ele, contudo, não sabe disto, pois ao longo de suas obras as críticas que dirige a Marx, tendo geralmente em mente o bolchevismo e os ditos países de socialismo real, demonstram como ele leu mal o revolucionário alemão. Neste particular, o que ele está dizendo é exatamente a mesma coisa presente nos *Manuscritos de Paris* Marx (2004) e na *Ideologia Alemã* (MARX, ENGELS, 1976), entre outras obras.

cárcere a que estão agrilhoados todos, pais, filhos, avós etc. É bem este o ponto de vista de Huxley. Mesmo nas famílias mais liberais, um certo nível de aprisionamento é inevitável.

Huxley propõe em *A Ilha* um novo tipo de família, que ele denomina de Clube de Adoção Mútua – CAM. O CAM se distingue das famílias nucleares típicas das sociedades ocidentais, como também, à época da escrita do livro, é bom lembrar que a China, desde 1949, estava dentro de um processo revolucionário, cuja derrota culminaria na criação do capitalismo estatal chinês (socialismo real) e na qual havia também uma proposta de como lidar com a educação infantil. Segundo argumenta Huxley, na China, as crianças eram colocadas sob cuidados de funcionários estatais, o que provocava certo afastamento de suas famílias. As duas formas: a família nuclear ocidental e a “família” estatal chinesa são bastante problemáticas e o que Huxley faz é inventar um novo tipo de instituição, o CAM, que não é estatal, pois ele é livremente formado por todos os seus membros, sem regulamentação e controle do Estado, e é também mais amplo do que a mera família nuclear (pai, mãe, filhos). Um CAM é formado por um grupo de 15 a 25 famílias que se adotam mutuamente e dentro do qual cada criança tem a liberdade de agir. Desta forma, cada indivíduo tem, pelo menos, de 15 a 25 pais e mães, sendo a consanguinidade algo secundário, mas não negligenciado. Isto é explicado por Susila McPhail a Will nos seguintes termos:

Todos nós pertencemos a um CAM (Clube de Adoção Mútua). Cada CAM é composto por quinze ou vinte e cinco casais diferentes. Casais jovens, mais velhos e com filhos em idade de crescimento, avós e bisavós, todos os do clube se adotam mutuamente. Além dos nossos parentes consanguíneos, dispomos de uma porção de mães, pais, tias, tios, irmãos, irmãs, nenéns e adolescentes que nós mesmo elegemos (HUXLEY, 1974, p. 117).

Will retruca, dizendo que agora ao invés de ter que se relacionar só com uma família, terá que o fazer com 15 ou 25. O que, em seu entendimento, seria bem pior, pois tem em mente sua própria família: um pai distante emocionalmente e curvado ao alcoolismo, uma mãe carola e dada a prédicas de caridade, mas incapaz e ajudar concretamente qualquer ser humano. Ao que Susila responde, como se ditasse uma receita culinária, comparando os dois tipos de família.

“Tome um assalariado sexualmente incapaz, uma mulher insatisfeita, dois (ou mesmo três) pequenos viciados em televisão e faça um escabeche misturado a uma porção de freudismo e uma solução fraca de cristianismo. Arrolhe bem num apartamento de quatro cômodos e cozinhe tudo isso no próprio caldo. A nossa receita é bastante diferente: “tome vinte casais sexualmente satisfeitos, juntamente com a sua prole. Adicione ciência, intuição e humor em partes iguais. Ingresse no Budismo Tantrik e ponha a mistura a ferver ao ar livre, lenta e indefinidamente, numa panela aberta, colocada sobre a chama viva da afeição” (HUXLEY, 1974, p. 117/118).

Educação formal. Esta família, o trabalho como realização, a vida comunitária já vão constituindo uma rede livre que permite ao indivíduo, inclusive, se desvencilhar da hereditariedade. O CAM possibilita a cada um escolher e intensificar a relação com uma mãe

ou pai do CAM que não são propriamente seus pais biológicos. Mas há em Pala também uma educação formal. E aqui, novamente, Huxley não consegue pensar o radicalmente novo, pois há em Pala a instituição escolar, que funciona, inclusive, bem próximo do que são as nossas escolas com seus professores, diretores, um cargo equivalente ao secretário de educação etc. Ou seja, pensa Huxley aqui, ainda, com os conceitos típicos da sociedade burguesa, demonstrando o poder da episteme burguesa e as limitações que esta cria para o pensamento. Limitações porque, ao tentar pensar o totalmente novo, como é a utopia, Huxley acaba utilizando inscientemente os conceitos da sociedade burguesa, na qual nasceu, se criou e produziu suas obras. O pensamento utópico, mesmo sendo a fronteira avançada da razão rumo ao ainda-não-existente, para lembrar expressão de Bloch (2005), encontra dificuldades em romper radicalmente com a episteme burguesa, pois esta impõe termos, conceitos, métodos, concepções etc. Cada utopista ao longo da história teve que lidar com a episteme, tal qual estava articulada em seu tempo, e isto não foi diferente com Huxley. Este debate será retomado mais à frente.

De qualquer forma, existe uma educação formal em Pala e a educação lá, como em todo e qualquer lugar, serve à reprodução das relações vigentes naquela sociedade. Esta afirmação é válida, desde que se faça a ponderação de que em sociedades de classes, notadamente a burguesa, a educação não só reproduz as relações dominantes vigentes, mas reproduz também os conflitos e luta de classes, podendo também a educação ser elementos disruptor e não somente reprodutor⁸.

Num diálogo com a diretora da escola, Mrs. Narayan e o subsecretário de educação, Mr. Chendra Menon, Will conhece um pouco dos princípios, objetivos e didática típicos da educação palanesa. Compara inicialmente os objetivos educacionais nos EUA e Europa por um lado, China e Rússia por outro e, por último, em Pala. Enquanto nos EUA e Europa, a educação visa, em grande medida, formar o consumidor em massa, nos antigos países “socialistas”, o objetivo era formar a juventude que fortaleceria o Estado.

Arremata Mr. Menon:

— Ambas diferem das nossas — disse Mr. Menon. — Qual a finalidade da mocidade palanesa? Não se destina a tudo consumir em massa nem tampouco fortalecimento do Estado. É claro que o Estado tem de subsistir e que deve haver o suficiente para todos. Isso é preciso ser dito. Somente nessas condições a nossa mocidade descobrirá qual a sua finalidade; somente nessas condições poderemos fazer alguma coisa por ela.
— Em outras palavras, qual é mesmo o destino dessa mocidade?

⁸ Em Maia (2022), realizamos uma discussão a respeito disto e demonstramos que, diferentemente do que defendem as várias pedagogias críticas, o elemento realmente disruptivo dentro dos processos educacionais são as lutas encaminhadas por trabalhadores da educação e estudantes. Assim, muito mais que o ato pedagógico em si, é própria luta na esfera educacional que gera mudanças.

— Desejamos que se desenvolva harmoniosamente e que se transforme em adultos plenamente realizados (HUXLEY, 1974, p. 257).

Trata-se, certamente de uma caricaturização. Contudo, dentro do universo ficcional da obra, que visa expor em traços gerais as distinções de uma sociedade marcada pelo consumo em massa (capitalismo privado), pelo burocratismo estatal (capitalismo de estado) e uma forma diferente e superior a ambas, Pala, é aceitável uma tal simplificação dos processos. Outro problema a se destacar, que limita a razão a pensar o totalmente e radicalmente novo, que leva Huxley a propor sua utopia em limites abstratos é que ele não consegue conceber um mundo sem Estado, burocracia, ou seja, sem classes sociais. Por mais que em Pala a desigualdade social seja mínima, ele fala em algum momento da obra que ninguém em Pala tem riqueza maior do que quatro vezes a média. Ou seja, há o Estado que deve subsistir, logo, uma burocracia estatal, sendo o Mr. Menon parte dela, pois subcretário de educação, bem como a diretora da escola, compondo aí parte da burocracia escolar⁹. De qualquer forma, afirma que o objetivo da educação palanesa não é nem formar o consumidor em massa, nem o jovem que irá fortalecer o Estado, mas proporcionar a que todo indivíduo desenvolva-se o mais harmoniosamente possível, tornando-se uma pessoa plenamente realizada. Aqui o pensamento utópico manifesta-se claramente e Huxley consegue ir além dos limites impostos pela sociedade burguesa. Cada indivíduo realizando-se, sendo livre e feliz compõe um todo realizado, livre e feliz, que é a sociedade palanesa. Mas este indivíduo só pode se desenvolver harmoniosamente, se o todo, a sociedade assim o permitir. Não há, portanto, antinomia indivíduo X sociedade. Neste aspecto, Huxley supera o pensamento antinômico típico do campo analítico da episteme burguesa.

Em seguida, entra em considerações sobre a organização do currículo escolar e da didática empregada na educação em Pala. Não entrarei aqui em detalhes a respeito, mas só destacaria que o currículo tem como fundamento de sua composição a ecologia, trata-se de ciência que se fortalecia à época da escrita do livro, bem como a questão ambiental, os problemas ecológicos eram já percebidos como algo a ser tratado mais seriamente pela sociedade. A ecologia, com sua ideia de todo articulado e integrado está em acordo com o modo como os palaneses pensam o desenvolvimento humano, que deve ser integrado e visto sempre como um todo. A ecologia, como “ciência das relações” entre os elementos da natureza e do qual a humanidade é parte, é ensinada em pala como parte de uma “ética das relações”. Há assim um paralelo entre a vida integrada, tal como se dá na natureza e a vida humana, com suas relações, que também deve ser vista de modo integrado: a vida interpessoal, a vida comunitária,

⁹ Para uma discussão sobre o conceito, as formas e os processos que constituem a burocracia escolar, cf. (MAIA, 2013).

a economia, a produção cultural são tudo parte de um todo também integrado. A criança palanesa, ao longo de sua vida escolar, aprende a existir e ser parte consciente de tais relações.

Mr. Menon explica isto a Will nos seguintes termos:

Se tratarmos bem a Natureza, ela nos retribuirá do mesmo modo. Se, no entanto, tentarmos feri-la ou mesmo destruí-la, seremos inexoravelmente esmagados. (...) torna-se fácil fazê-las entender os conceitos Morais em relação às plantas, aos animais e à terra que os mantêm. Depois disso, é fácil transpor esses Conceitos para as relações entre os seres humanos. Aí está outro ponto importante: ao deixar os fatos da ecologia e as parábolas da erosão, a criança atinge uma ética universal. A Natureza não tem “Povo eleito”, “Terras Santas” ou “Revelações Raras de História”. A Moralidade e a conservação não justificam sentimentos de superioridade ou reivindicação a quaisquer privilégios especiais. O conceito: “Faça aquilo que gostaria de receber” se aplica em nossas relações com todas as espécies de vida nas várias partes do mundo. Somente teremos permissão de viver neste planeta enquanto tratarmos a Natureza com inteligência e compaixão. A Ecologia elementar nos leva diretamente ao Budismo elementar (HUXLEY, 1974, p. 269/270).

A didática, tal como discutida por Huxley, incorpora os elementos típicos da Pedagogia Nova, como uso de jogos, arte, ludicidade etc. no ensino dos conteúdos. Ele descreve alguns destes processos, os quais não entrarei aqui em detalhes. Mas estes pontos nos servem de ilustração para entender a dinâmica de produção do pensamento utópico. Este, apesar de trabalhar na fronteira mais avançada do conhecimento, aquela trincheira aberta no limite do presente com o futuro, tem sempre que lidar com as determinações de seu tempo. O fato de Huxley colocar em evidência o problema ecológico, as novas didáticas da Pedagogia Nova e em vários momentos da obra referir-se ao crescimento populacional, “explosão demográfica”, possibilidade da guerra nuclear etc. ilustram isto. Eram temas com os quais a humanidade se debatia naquele contexto e o pensamento utópico não pode dele desvencilhar-se.

Religião natural. A biografia de Huxley é marcada por uma grande transição a partir de determinado momento de sua vida. Passa para seu campo de estudos, preocupações éticas, conformando uma certa cosmovisão profundamente marcada pelo misticismo (árabe, judaico, cristão, budista, hinduísta etc.). Torna-se um profundo estudioso destas tradições. Este elemento está presente em várias obras suas, com destaque para *A Filosofia Perene*, que consiste num apanhado de extratos de textos místicos de várias orientações seguidos de comentários históricos, filosóficos, éticos implicados nestes textos.

Huxley é também crítico das religiões institucionalizadas, da teologia, que são dogmáticas e avessas ao que ele considera, a partir dos indicativos desses vários misticismos, ao despertar e evoluir da consciência. Em *A Ilha*, isto é claramente perceptível. Como quase sempre ocorre, é comum nas utopias haver uma religião ou prática mística. Isto ocorre com as utopias renascentistas em quase sua totalidade: Morus, Campanella, Bacon. A utopia de Willian Morris, de final do século XIX, *Notícias de Lugar Nenhum*, prescinde disto, o mesmo ocorrendo

com a *Estrela Vermelha*, de Aleksandr Bogdanov, publicado na primeira década do século XX, e *Os Despossuídos* de Úrsula K. Le Guin, de 1974. Como se vê, a presença ou não de uma religião dentro dos textos utópicos é variável e Huxley imprime em sua ilha um tipo muito específico de religião, que descreveremos em traços gerais aqui. É necessário assim proceder, pois em grande medida a liberdade e felicidade palanesa tem aí uma importante base de sustentação.

Huxley, ao longo de sua exposição, critica os vários sistemas religiosos, que pecam, para empregar este tipo de linguagem, por serem dogmáticas, não contribuírem para um verdadeiro desenvolvimento humano e espiritual de seus praticantes. São, via de regra, corolários do poder instituído, sendo, pois, parte dos processos de dominação. Ele insere um tipo de religião desta natureza em seu romance. Rani, a rainha, mãe de Murugan, é a personagem na qual isto está devidamente expresso. Ela comporta-se como os iniciados, conversando com espíritos evoluídos, trajando roupa de profeta e comportando-se como líder espiritual mundial do que ela chama de “Cruzada do Espírito”. Aqui, a teologia, a iniciação sagrada, a revelação vinda do astral etc. são todos elementos formadores desta nova proposta religiosa, que visa, em verdade, salvar o mundo, a típica escatologia de todas as grandes religiões. Rani tem relações com o ditador do país vizinho, Coronel-Dipa, com donos e executivos de grandes corporações, como Joe Alde-Hyde, grande capitalista com investimentos em várias áreas, sendo o petróleo a principal, daí seu interesse por Pala, que dispõe de importantes reservas deste recurso etc. Com isto, Huxley visa demonstrar como as grandes religiões, teológicas, dogmáticas, reveladas estão vinculadas ao poder e dominação.

Religião é símbolo, sustenta Huxley (1974, p. 226). Os seres humanos são produtores naturais de símbolos. Assim como as aranhas têm que tecer suas teias, os humanos tem que produzir seus sistemas simbólicos. Argumenta que o fundamental é o quanto de realismo e de pura fantasia está implicada no produto final. A “Cruzada do Espírito” é uma mistura na qual o *quantum* de fantasia sobrepõe-se ostensivamente sobre o realismo. A religião praticada em Pala, a qual Rani não compartilha, é de natureza diferente. É fundada no budismo mahayana, que já existia em Pala antes das reformas que criaram o sistema social que ora analisamos. Contudo, não é uma religião que seja espiritualizada, focada no astral superior, visando a vida de além-túmulo. A religião em Pala é antes uma experiência. Ela permite ou ensina que cada um deve ter “atenção”, estar no “aqui e agora”. Embora isto seja sempre difícil, mas é a meta e o povo palanês é educado desde o berço a respeito disto. Ademais, Huxley fez uma interessante invenção literária no que toca a isto. O Velho Rajá, que retomaremos à frente, teve, ainda no século XIX a seguinte ideia: ensinar os mainás e os papagaios, aves comuns nas selvas tropicais

e que tem a capacidade de reproduzir palavras humanas, a repetir sempre: “atenção” e “aqui e agora, rapazes”. Este recurso literário permitiu a Huxley fazer intervir estas vozes em importantes momentos da trama, chamando o leitor a prestar atenção ao que estava ocorrendo, a atentar-se para a necessidade do “aqui e agora”.

Num diálogo entre Will e Susila McPhail, esta faz a seguinte preleção:

Não temos nada de Alcatrazes, nem de Billy Graham, nem de Mao Tsé-Tung e nem de N. Senhora de Fátima. Nada de infernos na terra, nada de desordem cristã no céu ou de agitações comunistas no vigésimo segundo século. São apenas homens, mulheres e crianças que tentam fazer o melhor, aqui e agora, ao invés de viverem (como a maioria de vocês) algures, em outra época, em um universo imaginário. Mas tenho de admitir que são isentos de culpa. O presente é tão decepcionante que são praticamente compelidos a viver desse modo. Tudo isso é altamente desapontador porquanto nunca lhes foi ensinado como transpor a brecha que existe entre a teoria e a prática, entre as resoluções do Ano Novo e o procedimento real (HUXLEY, 1974, p. 125).

Nada de grandes líderes, profetas, dogmas. Somente seres humanos se esforçando para, no aqui e agora, serem e fazerem o melhor. Aponta que, na parte do mundo de onde Will vem, isto é difícil, pois o presente, o aqui e agora é tão decepcionante, que o melhor a fazer é evadir-se mesmo. Mas em Pala, sob condições sociais tão peculiares, uma tal condição é não só possível, como necessária. Por fim, acrescenta que, diferentemente do que ocorre nas religiões tradicionais, a praticada em Pala oferece não só a meta, mas também os meios para a libertação, para o despertar, para a iluminação, para empregar aqui o léxico religioso.

Toda a educação familiar, comunitária, escolar, as relações sociais fundadas na liberdade a mais ampla possível, o fundo místico derivado do budismo mahayana praticado não-dogmaticamente pela população como um todo, a prática, portanto, da meditação como forma de integração plena entre corpo e mente e o uso do Moksha completam, arrematam o sistema simbólico-religioso palanês. A palavra Moksha vem do sânscrito e significa liberação, iluminação. Trata-se, dentro do universo ficcional da obra, de cogumelos, que ao serem consumidos, produzem as experiências psicodélicas.

Aqui, novamente a biografia de Huxley é importante elemento explicativo. É conhecida sua prática de consumir LSD como experiência mística. Seu livro *As Portas da Percepção* é um exemplo desta sua prática. Nele, o autor descreve e analisa suas experiências com este enteógeno. O uso social de substância já havia aparecido em outra obra sua, o *best-seller Admirável Mundo Novo*, no qual aparece o consumo social do Soma. Em Pala, o Moksha é usado por toda a população e faz parte, inclusive, do sistema educacional formal, quando, ao final do curso ginásial, todos os jovens tem sua primeira experiência com o “revelador da realidade”, como Huxley refere-se em alguns momentos.

Sem poder, por questão de espaço, avançar mais nesta discussão, quero arrematar com esta explicação de Vijaya a Will sobre a natureza da experiência com o Moksha:

Acontece o mesmo com o tipo de experiência que se obtém seja com o Moksha, seja através da oração, do jejum ou dos exercícios espirituais. Mesmo que não se refira a qualquer coisa exterior ainda assim constitui a coisa mais importante que lhe pode acontecer. É como a música, porém incomparavelmente maior. E se você estiver preparado para a experiência e se decidir a acompanhá-la, os resultados serão ainda mais terapêuticos e transformadores. Talvez tudo isso se passe dentro do cérebro de cada um. Talvez tudo seja inteiramente particular e não haja conhecimento unificado de nada que vá além da fisiologia de cada indivíduo. Mas que importância tem isso? A verdade é que a experiência pode abrir os olhos das pessoas, tornando-as abençoadas e transformando-lhes as vidas (HUXLEY, 1974, p. 176).

Ou seja, não se trata, neste particular, de saber se a experiência psicodélica é algo espiritual ou somente um processo fisiológico com impactos na percepção do indivíduo. O fundamental é, justifica Huxley, o processo profundo e transformador que se opera naquele que tem a experiência. Apesar de em outros momentos e, com outros personagens, ficar subentendido o caráter místico-religioso de tais experiências, o que pode também ser atestado por seus textos filosóficos sobre o tema, em Pala, o que fica é esta reflexão, deixando ao leitor tirar suas próprias conclusões.

Amor livre. A liberdade em Pala é ampla. Como vimos, existe uma liberdade no trabalho, com uma divisão do trabalho bastante flexível; uma liberdade dentro da vida familiar, possibilitando o CAM que cada indivíduo possa, inclusive, se afastar com bastante facilidade de seus pais biológicos; a prática religiosa é marcada não por dogmas e preceitos morais rígidos que constroem o indivíduo a agir desta ou daquela maneira, mas sim numa liberdade e num esforço permanente para ser cada vez mais um ser humano consciente e melhor. Numa tal sociedade, com estas características, cuja meta é ser livre e feliz, também a relação amorosa não pode ser fundada em laços que prendem e privam cada indivíduo de sua liberdade, sejam eles institucionais, morais, psíquicos (como a culpa, por exemplo).

Em Pala, as relações amorosas são marcadas pelo encontro mais genuíno entre dois seres humanos, que se amam e se conhecem mutuamente, e que, por isto, desejam a felicidade e liberdade do outro. Isto é ilustrado por Huxley, logo no início da obra, pelo relacionamento entre a enfermeira Radha e o estudante Ranga. Dois jovens enamorados que se amam e conversam com Will tão logo este, após ser acolhido por Dr. Robert no dia seguinte ao seu naufrágio. Radha, enfermeira responsável por prestar assistência ao naufrago na casa de Dr. Robert, pede a Will que autorize Ranga, seu namorado, a entrar na casa, pois este queria muito conversar com o estrangeiro. Inúmeras coisas são abordadas no diálogo entre os três: diferença entre a medicina palanesa e ocidental, limites da psicologia e psicanálise (inclusive esta é

criticada em vários momentos ao longo da trama), discussões sobre metafísica, ciência etc. Contudo, interessa-nos aqui a reflexão sobre o amor livre.

Num dado momento da conversa entre eles, quando Will é informado por Ranga que este irá fazer um estágio na Inglaterra, para aprofundar seus conhecimentos sobre a ciência ocidental, segue-se o seguinte diálogo:

- Que tal as moças? — perguntou Radha.
- Como que você quer que eu responda? Quer saber a verdade ou quer que eu diga coisas para a consolar?
- Diga a verdade.
- Bem, minha cara, a verdade é que Ranga fará um enorme sucesso. Dúzias de moças o acharão irresistível e algumas delas serão realmente encantadoras. Como se sentirá você se ele não puder resistir?
- Ficarei satisfeita porque ele estará bem.
- Will voltou-se para Ranga:
- E você se alegrará se ela se consolar com outro rapaz enquanto estiver fora?
- Gostaria de ficar — disse ele. — Mas se realmente me alegrarei, isto é outra questão.
- Fará com que jure fidelidade?
- Não farei prometer nada.
- Mesmo sendo ela sua namorada?
- Ela é livre.
- Ele também é livre. Livre de fazer o que quiser — disse a pequena enfermeira (HUXLEY, 1974, p. 97).

Trata-se de um tipo de relação amorosa bastante inconcebível e impraticável nas terras de Will Farnaby. Neste ponto, Huxley insere as memórias de Will sobre seus relacionamentos amorosos, marcados por traições, culpa, laços emocionais doentios etc. Um tal recurso literário permite a ele demonstrar o contraste entre duas formas distintas de sociedade, que implica, entre outras coisas, formas distintas de amar. Em seguida, ainda neste mesmo tom, Huxley coloca em discussão a homossexualidade e como Pala lida com isto, sendo, também, algo a que não há nenhuma objeção.

União entre ocidente e oriente. Huxley sugere algo interessante em Pala: a síntese entre o que há de melhor no ocidente e no oriente. Isto aparece em vários momentos ao longo da obra. Em coisas prosaicas, como os nomes de alguns personagens: Tom Krishna e Mary Sarojini (filhos de Susila McPhail e netos do Dr. Robert), Dugald McPhail (filho do Dr. Robert e Lakshmi e esposo de Susila); ou em outros aspectos também, como, por exemplo, quando a enfermeira Radha critica a medicina ocidental, dizendo que ela tem tratamentos, tecnologias, medicamentos os mais desenvolvidos, mas nada ou quase nada faz em termos de evitarem que as pessoas adoeçam; quando o Dr. Robert, ao descrever a história de Pala e o processo de formação do sistema social ali existente, demonstra como o Rajá da Reforma e o Dr. Andrew McPhail (o primeiro McPhail a chegar em Pala ainda no final do século XIX) propuseram as primeiras reformas: manter o idioma palanês, com o qual as pessoas rezam, fazem amor e

cozinham e inserção do inglês, com o qual podem acessar grande parte da cultura ocidental, sua filosofia, sua ciência, sua literatura; ou quando sugere que em Pala, a ciência moderna (com seus métodos, suas conclusões, as tecnologias que permite desenvolver etc.) se integre no sistema de pensamento palanês, marcado pela prática da meditação, do conhecimento de si, pela atenção, viver no aqui e agora etc., ou seja, pelo budismo mahayana.

Abordando alguns aspectos introduzidos pelo Rajá da Reforma e Dr. Andrew McPhail no sistema educacional, na voz de Mrs. Narayan, a diretora da escola de que já tratamos antes, afirma:

De certo modo, as coisas excitantes da cultura, do poder e do processo do mundo ocidental tinham que ser associadas e até certo ponto subordinadas às teorias do budismo e aos fatos psicológicos da metafísica aplicada. Nesse programa do “melhor dos dois mundos” nada havia que ofendesse a suscetibilidade do mais sensível e ardente dos cultores religiosos (HUXLEY, 1974, p. 280).

Como se vê, trata-se de uma proposição intencional por parte de Huxley ao colocar esta questão. O que há de melhor no ocidente e no oriente são sintetizados em Pala. Certamente que há elementos criticáveis nisto, pois coloca a questão ainda de um ponto de vista ideológico e reducionista. É a ciência um dos elementos do que há de melhor no ocidente? Apesar de ele realizar algumas críticas à ciência, não a toma como ideologia dominante na sociedade burguesa. É também reducionista, pois reduzir o que há de melhor no oriente a este saber metafísico (mesmo que seja a metafísica aplicada de Pala, que consiste em ensinamentos práticos na busca pela autorrealização e liberação). De qualquer forma, este tema da união entre ocidente e oriente não é algo novo em sua obra. Em *O Macaco e a Essência* (HUXLEY, 1972), por exemplo, ele trata deste mesmo tema, mas nesta obra, trata-se de unir o que há de pior nos dois mundos, pois é uma obra distópica e passa-se num planeta terra pós-terceira guerra mundial, na qual uma hecatombe nuclear quase extinguiu a espécie humana, e, com certeza, aniquilou o modo de vida urbano, industrial e tecnológico prevalente hoje.

Satisfação das necessidades materiais e vida digna. Todo este conjunto de melhoras na vida, de liberdade, de felicidade, autorrealização, autoconhecimento, um viver mais autêntico e autenticamente humano, algo para além da mera reprodução ordinária da existência, só foi possível porque Pala proporciona um nível de vida médio digno a todos os seus cidadãos. Como já indicamos antes, em Pala não existe concentração de riqueza. Não existem grandes capitães da indústria, burocratas estatais e líderes políticos poderosos, latifundiários que controlam todas as terras etc. Nenhuma pessoa possui riqueza maior que quatro vezes a média. Ou seja, não existem ricos e pobres. Apesar de aqui Huxley expressar didaticamente a episteme burguesa, pois só consegue conceber o mundo da produção material em termos concentração de riqueza,

mesmo que em Pala seja moderada. Ou seja, um pensamento radicalmente distinto, proporia uma produção coletivizada, forma social que exclui, por definição, qualquer forma de concentração de renda, mesmo que seja moderada.

A primeira iniciativa dos reformadores, Rajá da Reforma e Dr. Andrew McPhail, ainda no século XIX, foi solucionar o problema da produtividade e escassez de alimentos. Dr. Andrew sugere que se crie um centro de pesquisas agrônômicas, Rothamsted dos trópicos (referência a um importante centro de pesquisas britânico). Ou seja, a ciência ocidental a serviço de uma sociedade sendo construída, uma Pala utópica. A partir daí, foi possível um grande desenvolvimento na produção de alimentos, eliminando a fome na ilha. Somado a isto, um processo de planejamento familiar (novamente aqui a preocupação com o tema em moda na época, a dita “explosão demográfica” e, portanto, a concordância de Huxley com o neomalthusianismo hegemônico de então), o que permitia que as famílias não fossem excessivamente grandes. E, do ponto de vista econômico mais geral, “Pala é uma federação de unidades autogovernadas: unidades geográficas, unidade profissionais e unidades econômicas —havendo bastante oportunidade para iniciativa em pequena escala e para líderes democráticos (HUXLEY, 1974, p. 186).

Diferentemente de suas dissertações sobre a filosofia, metafísica etc. nas quais Huxley é demasiado detalhista e criativo, ao abordar o modo de produção em Pala, é excessivamente genérico, restringindo toda a sua discussão a estes pequenos pontos que listei acima e alguns outros elementos dispersos pelo conjunto do romance, de modo que é difícil derivar mais elementos somente a partir do que ele diz na obra. Mas retornaremos a este ponto em seção posterior.

Murugan, o príncipe herdeiro: a utopia palanesa sob ameaça

Este mundo que acabamos de descrever, humanisticamente concebido, no qual a liberdade e felicidade são não a meta a ser alcançada, o ideal a ser buscado, mas uma realidade já existente. Os palaneses vivem há quase 100 anos desta maneira, sempre aperfeiçoando cada vez mais o modo de vida já construído: “(...) Pala tem-se batido exatamente pela liberdade, pela razão e pela decência da humanidade (...)” (HUXLEY, 1974, p. 187).

Pala é uma ilha. O oceano que a circunda é o capitalismo, seja privado ou estatal. Huxley não compreende a sociedade soviética, chinesa etc. como sendo capitalistas de Estado, por isto suas análises do comunismo são precárias em vários pontos. Contudo, sua crítica a tais sociedades, bem como às sociedades europeia e estadunidense são contundentes. Num diálogo

entre Dr. Robert e Will, quando o médico palanês discute a possibilidade do Coronel Dipa, ditador em Rendang-Lobo, invadir Pala. Afirma:

Pala, infelizmente, não está sob as boas graças de ninguém. Não queremos o Comunismo, nem tampouco o Capitalismo. Desejamos ainda menos a industrialização por atacado que ambos (é claro que por diferentes razões) estão ansiosos para nos impor. O Ocidente o deseja porque o custo de nossa mão-de-obra é baixo e os dividendos dos investidores serão excelentes. O Oriente o deseja porque a industrialização, criando um proletariado, abrigará novos campos para a agitação comunista, podendo mesmo, depois de algum tempo, originar uma outra “Democracia Popular”. Temos nos recusado a ambos e por isso somos malquistos em toda parte. A despeito das diferenças ideológicas, as grandes potências talvez prefiram ver Pala subordinada a Rendang e com o seu petróleo explorado, a vê-la independente porém sem permitir qualquer exploração. Se Dipa nos atacar, dirão que foi um ato deplorável, porém não levantarão um só dedo para detê-lo. E quando formos dominados e os “homens do petróleo” forem chamados, ficarão realmente deleitados (HUXLEY, 1974, p. 141).

Pala recusa a industrialização por atacado, tanto do capitalismo privado (“Capitalismo”), quanto do capitalismo de Estado (“Comunismo”). Quer manter-se independente de ambos. Não quer que suas reservas de petróleo, as quais os palaneses não exploram, caiam nas mãos dos capitães da indústria. Quer manter-se independente. Isto, contudo, parece que vai ficando cada dia mais difícil de ser mantido. Como dissemos antes, comentando as declarações de Mr. Bahu a Will, Pala poderia manter seu modo de vida até início do século XX. Contudo, após a década de 1930, isto tornou-se impossível. A previsão de Bahu está correta? A ilha será submersa pelo oceano capitalista?

Vejamos a posição de um personagem importante nesta encruzilhada de Pala. Murugan Mailendra, príncipe de Pala, próximo a atingir a maioridade, não é, portanto, ainda rei (rajá). Até atingir a maioridade, a ilha é administrada por outros organismos políticos ou, como diz Murugan: “Três grupos de velhos retrógrados (...). O Gabinete, a Câmara dos Deputados e finalmente o Conselho Privado, que representa o Rajá, ou seja, que me representa” (HUXLEY, 1974, p. 60).

Murugan é filho de Rani, membro da aristocracia de Rendang-Lobo. Casada com o antigo Rajá, cuja morte não é discutida em detalhes por Huxley. Só sabemos que era uma pessoa volúvel, abaixo das aspirações palanesas, mas adequado e educado em seus princípios, ou seja, também não compartilhava qualquer projeto de subjugar Pala a qualquer regime político-econômico externo. Rani, como já comentamos, é uma personagem típica, sua presença serve a Huxley como suporte para a crítica à religião institucionalizada, dogmática, revelada, teológica e, sobretudo, afeita ao poder, lucro e hierarquia.

E Murugan? Huxley utiliza este personagem para demonstrar, entre outras coisas, o papel dos processos educativos (formais e informais) na constituição de um indivíduo (seus

valores, mentalidade, princípios éticos e morais, objetivos de vida etc.). Murugan foi uma criança doente. Sua mãe, superprotetora, levou o filho, após a morte do pai, para Europa a fim de fazer tratamento médico. E Murugan cresceu e se formou, devido a isto, fora de Pala. Seus professores, seus colegas, sua relação com os meios de comunicação, com a política foram totalmente diferentes do que ocorre a todo cidadão palanês. Murugan é o futuro Rajá de Pala, mas não compartilha com seu povo absolutamente nada do que este pensa e pratica. Seus objetivos são completamente alheios aos interesses palaneses.

Sua formação, sua doutrinação por sua mãe superprotetora, sua relação estreita com a alta política no regime ditatorial de Rendang-Lobo etc. constituíram um indivíduo, que, embora tenha nascido em Pala, nada tem deste povo. O que os palaneses são, defentem, praticam demonstramos mais atrás. E Murugan, qual seu projeto?

Num diálogo entre Will, Mr. Bahu, Rani e Murugan, este afirma sobre seu projeto:

“Prioridade absoluta: modernização deste lugar. Veja o que tem sido feito em Rendang, graças aos lucros provenientes das concessões para exploração do petróleo” (HUXLEY, 1974, p. 60).

Os direitos do petróleo serão usados do seguinte modo: vinte e cinco por cento do total do dinheiro recebido irão para a “Cruzada do Espírito (HUXLEY, 1974, p. 61) Bem, essa é a maneira pela qual vinte e cinco por cento dos direitos serão utilizados. O restante será empregado num intenso programa de industrialização — o tom de voz mudou novamente — Esses velhos idiotas daqui apenas querem industrializar certos pontos e deixar o resto como estava há dois mil anos (HUXLEY, 1974, p. 62).

— Com isso você quer dizer que pretende fortalecer Pala, não é? — perguntou Will.

— Não poderei fortalecê-la porque Pala não tem exército. Terei de criá-lo.

— Pala não tem exército?

— Absolutamente nenhum. Todos aqui são pacifistas. — O “p” soou como uma explosão de desprezo e o “s” foi dito num sibilo desdenhoso. — Terei de começar do nada.

— Industrialização e militarismo se desenvolverão juntos, não é verdade?

— Exatamente (HUXLEY, 1974, p. 63).

Ou seja, modernização, industrialização, exploração de petróleo (concedido a multinacionais), Cruzada do Espírito e militarismo. Trata-se de um projeto completamente distinto do modo como os palaneses vivem e organizam sua vida. Murugan é um palanês que não pensa, não foi educado, não vive como um palanês. Seus objetivos e interesses são antagônicos aos prevalentes em Pala. Tudo o que representa o capitalismo (estatal e privado) está expresso na fala de Murugan. Em poucos meses, adquirirá a maioria.

Implementará ele um tal projeto?

Utopismo e humanismo abstrato em *A Ilha*

Na primeira seção, já definimos utopia concreta e utopia abstrata. A utopia desenvolvida em *A Ilha* por Aldous Huxley é abstrata. Demonstraremos tal tese ao longo de nossa exposição. Temos agora, também, que realizar ligeira reflexão sobre o que entendemos por humanismo,

pois Huxley foi expoente humanista. Contudo, qual a natureza e as características do humanismo por ele desenvolvido?

Já discutimos o humanismo com maior profundidade em outras oportunidades (MAIA, 2020; 2024), por isto não retomaremos tal questão de maneira mais extensa, restringindo-nos a situar os conceitos¹⁰. Seguindo a terminologia desenvolvida por Viana (2016), distinguimos o humanismo radical do humanismo abstrato. Ambos são humanismo, mas com especificidades. O humanismo em si é aquele tipo de pensamento que aponta para a autorrealização humana, abolindo os processos que o degradam e deformam sua própria natureza, sua essência.

O humanismo abstrato expressa um tal interesse na autorrealização humana, mas o faz de maneira abstrata, não realista e, por vezes, até conservadora. É não realista pois não analisa concretamente ou acertadamente os processos pelos quais a superação das condições degradantes possam efetivamente ser superadas. Cai, via de regra, na filantropia, misticismo ou restringe-se a afirmações filosóficas, científicas bem-intencionadas, mas sem concreticidade.

O humanismo radical, pelo contrário, supera tais limitações. Defende também a superação das condições históricas e sociais que impedem a realização humana de forma plenificada. Primeiramente, explica adequada e corretamente os processos sociais e históricos que impedem que isto seja realizado. Em segundo lugar, faz isto demonstrando os processos concretos que possibilitam sua efetivação. Isto não quer dizer que tenha a receita para a felicidade humana. Deixemos isto aos dogmáticos, religiosos e falsos profetas. Trata-se de compreender como historicamente uma tal condição social possa ser edificada. Esta só pode vir de uma luta encarniçada entre a classe capitalista e classe proletária e todo o processo social, no conjunto da sociedade, que esta luta anima. Esta descoberta de Marx, feita ainda na primeira metade do século XIX, permanece válida, pois, em essência, a relação entre estas classes permanece viva, generalizando-se, na verdade, a uma escala planetária, coisa que não existia no tempo de Marx.

Há que se distinguir entre o proletariado como *classe em si* (determinado pelo capital) e proletariado como *classe para si* (autodeterminado). Trata-se, como disse Marx em carta a Engels: “a classe operária é revolucionária ou não é nada” (MARX & ENGELS, 1988, p. 211). Ou seja, a classe operária, devido sua posição na divisão social do trabalho, devido suas condições de existência, é potencialmente revolucionária, o que quer dizer que ela não é permanentemente revolucionária. Assim, quando, durante o curso de suas lutas, ela passa de classe determinada a classe autoderminada, significa que a luta de classes está entrando num

¹⁰ Para maior aprofundamento sobre isto, cf. (VIANA, (2016), (MONDOLFO, 1967), (MATTICK, 1978).

nível de antagonismo bastante elevado. É nestes momentos que ocorrem aquelas hecatombes sociais, nas quais as estruturas sociais, políticas, econômicas, a cultura etc. são chacoalhadas de cima a baixo, ou seja, as revoluções. Até hoje, todos estes abalos sísmicos foram derrotados, significando isto a retomada da normalidade das relações sociais burguesas. Contudo, como possibilidade, potencialidade, tais sismos abrem brechas para uma mudança social de grande importância. A teoria que melhor expressou isto foi inaugurada por Karl Marx, mas prossegue, desde então, em inúmeros outros autores.

A teoria de Marx é radical, revolucionária, pois expressa os interesses políticos da classe revolucionária da época moderna, o proletariado. É humanista, pois visa, como fim e como meio, a autorrealização humana, o fim da alienação, da exploração do ser humano pelo ser humano. O meio para se chegar a tal fim é a luta classe trabalhadora para por fim à sua condição alienação: a filantropia, a meditação, a oração, as abstrações filosóficas metafísicas etc. são completamente insuficientes e, muitas vezes, parte dos empecilhos para que o atual estado de coisas seja superado.

Sem poder avançar mais em tais conceitos, correntes de pensamento, autores específicos etc. (ficando aqui somente a bibliografia indicada para aprofundamento), passo para o que nos interessa neste ensaio. A tese a ser explorada agora é: a utopia de Huxley é abstrata, o humanismo de Huxley é abstrato.

Huxley é, como já dito, um humanista. Isto se verifica tanto em *A Ilha*, quanto no conjunto de sua produção. Do ponto de vista dos valores, por exemplo, ele desvaloriza a sociedade burguesa, chamando-a, como já disse, de “vida cinza”, pois trata-se de um tipo de sociedade que não realiza o ser humano em suas potencialidades e necessidades. Pelo contrário, degrada-o, tornando-o infeliz.

Em coisas mais visíveis, ele desvaloriza elementos fundamentais da sociedade burguesa. Por exemplo, em diálogo ao qual já nos referimos antes, estabelecido entre Will, Mr. Bahu, Murugan e Rani, quando, às escondidas tramavam a respeito de conceder a exploração de petróleo em Pala a Joe Aldehyde. Rani, referindo-se ao capitalista do petróleo, disse:

— Lord Aldehyde — disse a Rani — é extraordinariamente generoso.

— Extraordinariamente — concordou Will — considerando-se o pouco que posso fazer neste assunto. Não é necessário dizer que ele será ainda mais generoso com alguém que pudesse colaborar mais eficazmente.

Houve um silêncio. Na distância, um pássaro mainá chamava monotamente: “Atenção”. Atenção para a avareza, atenção para a hipocrisia, atenção para o cinismo vulgar (HUXLEY, 82).

Ou seja, os negócios burgueses são vistos por Huxley como avareza, hipocrisia, cinismo vulgar. Não há aqui, portanto, uma valoração positiva do comércio, da industrialização, enfim,

do negócio capitalista. Aqueles que estão envolvidos com isto recebem esta consideração de Huxley: avaros, hipócritas, cínicos. Alusões deste tipo aos interesses burgueses aparecem em inúmeros momentos da obra, mas não vou citá-los aqui pois alongaria em demasia o texto.

Seu humanismo também se expressa, por exemplo, no diálogo seguinte. Linhas atrás, trouxe o problema da guerra, fome, miséria, cortiços, genocídio etc. Pala não seguiu tal itinerário e estas coisas não existem por lá. Will sentencia:

— Manter as crianças vivas, tratar os doentes, evitar que os detritos invadam o fornecimento de água — são coisas intrinsecamente boas, não há a menor dúvida! Mas aonde conduzem todas essas boas coisas? O resultado é o aumento do número das misérias humanas; é a civilização exposta ao perigo. E esta é a espécie de brincadeira cósmica com que Deus parece realmente se deleitar!

Will dirigiu aos jovens um de seus sorrisos ferozes e agressivos.

— Deus nada tem a ver com isto — retrucou Ranga — e a brincadeira não é cósmica: foi inteiramente elaborada pelo homem. Essas coisas não são como a lei da gravidade ou a segunda lei da termodinâmica. Elas não têm de acontecer. Somente ocorrem se as pessoas são bastante estúpidas para permitirem. Aqui em Pala não o permitimos e, por isso, não brincaram conosco. Há quase um século temos bom sistema sanitário e apesar disso não temos excesso de população, não temos miséria e não estamos sob uma ditadura. A razão de tudo isso é muito simples: escolhemos um modo de proceder que é sensato e realista (HUXLEY, 1974, p. 106)

Miséria, fome, guerra, ditadura etc. não tem necessariamente que acontecer. Esta é uma declaração utópica que expressa um generoso humanismo. Em seus ensaios filosófico-políticos (HUXLEY, s/d b; s/d c) são feitas declarações de mesmo teor. Todo o humanismo de Huxley está também descrito neste ensaio na seção “Pala: uma vida dignamente humana”.

Contudo, há problemas aí que devem ser melhor investigados, pois apesar de seu humanismo, questões problemáticas se anunciam e é preciso analisá-las, pois seu humanismo revela-se abstrato à medida que vamos compreendendo alguns processos que fundam sua utopia, que não é menos abstrata que seu humanismo.

A história de Pala, tal como desenvolvida por Huxley, é um exemplo deste utopismo. Utilizo o termo utopismo como equivalente de utopia abstrata. Trata-se de uma sociedade muito antiga, que viveu isolada por muito tempo, tendo poucos contatos com o mundo externo. Devido suas condições geográficas, altas montanhas, por ser uma ilha, o estreito que a separa de Rendang-Lobo, permitiu-lhe não ser colonizada, tal como Rendang, que se tornou uma típica república de um país subdesenvolvido, com suas favelas, cortiços, grandes desigualdades sociais, extração de petróleo, multinacionais, ditadura política etc. Pala, devido tais características, não seguiu tal itinerário.

Na segunda metade do século XIX, seu rei estava extremamente doente. Sua corte consegue um médico inglês, que vivia em Madras (Índia) à época. Trata-se de Andrew McPhail, o primeiro dos McPhails a chegar em Pala. Este, com a promessa de conseguir muitos recursos,

pois sonhava em voltar à Inglaterra e montar seu próprio consultório médico, aceita o convite da corte palanesa para cuidar de seu rei. Ao chegar, vê a situação complicada em que se encontrava o Rajá. Teme que seus procedimentos, ao invés de salvar, agravem a saúde do enfermo.

Contudo, realiza cirurgia, que é um sucesso. Em breve o rei está forte e saudável. Ao invés de pegar sua pequena fortuna prometida, voltar à Inglaterra e montar seu consultório médico, torna-se grande amigo do rei e inicia, junto com este o projeto de reforma social de Pala. Por isto, este rei passa a ser citado na obra como o Rajá da Reforma. Aqui reside o grande elemento utópico abstrato de *A Ilha*.

Dr. Robert McPhail faz o seguinte resumo a Will:

O primeiro Mcphail surgiu em Pala a chamado do avô do Velho Rajá, cognominado “Rajá da Reforma”. Ele e meu bisavô inventaram a moderna Pala. O Velho Rajá consolidou e desenvolveu o trabalho iniciado por eles., e hoje estamos fazendo o máximo para seguir-lhes as pegadas (HUXLEY, 1974, p. 52).

Em outro lugar, no diálogo de Ranga com Will, quando aquele informava-o da sorte de Pala não ter sido colonizada devido suas condições geográficas e históricas, afirma: “E para coroar esta sorte surpreendente houve também a administração excepcionalmente boa de Murugan, o “Reformador”, e de Andrew McPhail” (HUXLEY, 1974, p. 107). O Rajá da reforma e o Dr. Andrew McPhail fizeram as reformas sociais. O Velho Rajá, homem sábio, consolida as reformas. O próximo Rajá é o pai de Murugan, homem fraco, mas não perigoso e muito integrado aos costumes palaneses, parece nada ter contribuído para a história de Pala. O próximo Rajá, que assumirá seu cargo em breve, é Murugan, de quem já tratamos antes.

E onde está o utopismo nesta história, tão brevemente exposta aqui? Obviamente na ideia do rei sábio e bondoso que produz reformas sociais que beneficiarão toda uma sociedade. Isto é tão longe da história real do mundo, que se parece mais com os contos de fadas de histórias infantis ao estilo do “era uma vez...”. Neste particular, Huxley vê as classes sociais, mas não a luta de classes. Entende que existe uma harmonia entre classe dominante (a família real e sua corte) e o restante da população. O seja, classe dominante e classes dominadas e exploradas vivem em harmonia, bastando para melhorar a situação, que um rei sábio implemente reformas sociais que tornarão a vida de todos ainda melhor. É este o grande utopismo de *A Ilha*.

E estes reformadores, o rei oriental e o médico ocidental, irão implementar as reformas de forma lenta, planejada, paulatinamente. A ideia é mudar a vida social sem ofender ninguém, respeitando os valores e tradições do povo. Nada de luta de classes, revolução, violência etc. Tudo muito lento, sereno e planejado. É o que todos desejamos: que a vida melhores, que não

necessite de lutas, revoluções, não que haja perdas, violência etc. Mas existe aí um inconveniente: a realidade não é assim. A classe dominante não abandona sua posição, seus interesses, que são opostos ou antagônicos aos de outras classes. Ela tem que ser forçada a ceder benefícios e, no limite, tem que ser sobrepujada, superada. E isto não se faz com ofícios, orações, depositando um voto numa urna... É um processo de revolução social, que não coloca a violência e a força como um princípio, mas é algo que a luta de classes faz emergir sempre, infelizmente.

Após a cirurgia, o Rajá da Reforma e Dr. Andrew começam a se educar mutuamente, um ensinando o que há de melhor em seu mundo ao outro, a união entre ocidente e oriente que já nos referimos: “Se o rei e o médico estavam se educando mutuamente sobre o que há de melhor em ambos - o Oriental e o Europeu, o antigo e o moderno – era para auxiliar toda a nação a fazer o mesmo. Aproveitar o melhor dos dois mundos para criarem o melhor de todos os mundos” (HUXLEY, 1974, p. 164).

E com isto iniciam pequenas reformas: primeiro, atacam alguns setores da medicina, o parto, tratamentos etc. Utilizam a base budista da população para que esta aceite as reformas propostas e em pouco tempo, as parteiras, enfermeiras, médicos etc. começam a aderir novos métodos. Em seguida, vão para agricultura, Dr. Andrew contrata agrônomos da Inglaterra para implantar o Rothamsted dos trópicos, centro de pesquisas agrônômicas adaptado às condições da ilha, com isto, modernizam a produção de alimentos eliminando a fome. Depois, vão para a educação, inserindo o inglês como segunda língua. Isto para que todo palanês tivesse acesso à ciência, filosofia e literatura ocidental. Com estas pequenas reformas, sem imposições, sem revoluções, a Pala moderna, utópica, foi sendo construída.

Tudo isto é muito interessante e seria realmente bom que as coisas pudessem assim acontecer. Contudo, existe um problema aí, que passa longe da compreensão de Huxley. As classes tem interesses opostos e por vezes antagônicos. Isto gera um inconveniente: as classes não se apoiam mutuamente. Elas lutam entre si. Este dado da realidade é excluído da concepção de Huxley e por isto sua utopia tem que descambar para o utopismo e dele não consegue se desvencilhar.

Isto está presente em seus textos filosóficos também, tal como se pode ver, por exemplo, em *O Despertar do Mundo Novo*, conjunto de ensaios filosóficos e políticos, ao discutir o problema da violência e as “reformas em grande escala”:

Em consequência, o simples senso comum exige que, ao efetuarmos reformas, devemos ter o cuidado de preservar todos aqueles constituintes da ordem já existente, como sendo valiosos. E isto não é tudo. Já por si mesma a mudança é algo mais ou menos profundamente angustioso para a maioria dos seres humanos. Assim sendo, fazemos bem em preservar até mesmo aqueles elementos da ordem existente que não

chegam a ser, nem particularmente daninhos nem particularmente valiosos, mas apenas neutros. O conservantismo humano é um fato, seja qual for a situação histórica estudada. Depreende-se, portanto, daí ser muito importante que os reformadores sociais abstenham-se de realizar mudanças desnecessárias ou mudanças de magnitude estarrecedora. Sempre que possível, as instituições já conhecidas devem ser ampliadas ou desenvolvidas, de modo a produzirem os resultados desejados; princípios já aceitos devem ser considerados e aplicados em campos mais amplos. Desta maneira, o volume e a intensidade da oposição à mudança e, com isto, o risco de ter de adotar medidas de violência, reduzir-se-ia ao mínimo (HUXLEY, s/d b, p. 35).

A partir desta base fundamental, seu utopismo vai se desenrolando em inúmeras outras questões mais particulares às quais só terei ocasião aqui de mencionar muito brevemente. A primeira que gostaria de fazer referência é o impacto da episteme burguesa em seu pensamento e a influência das ideias hegemônicas em sua utopia. Uma delas é o peso do neomalthusianismo, que à época da redação e publicação do livro era moda nas universidades e grandes centros de discussão e produção intelectual. Huxley, um pensador crítico, inquieto, humanista não conseguiu realizar a devida crítica a isto. Em inúmeros momentos de *A Ilha*, mas também em seus textos filosóficos, uma tal questão aparece, como, por exemplo, no ensaio *A Explosão Populacional*, presente no livro *A Situação Humana* (HUXLEY, s/d c). É por isto que, em *A Ilha*, as referências à miséria como resultado do crescimento populacional são tão constantes, pois é esta a tese básica de Malthus e que os neomalthusianos no século XX continuam e atualizam.

Um outro aspecto de pormenor, mas que reflete como Huxley está embebido inscientemente na episteme burguesa é sua defesa de autonomia da arte, tal como se pode ver, por exemplo: “A poesia por si, a poesia como um universo autônomo, situada no espaço entre a experiência e os símbolos científicos (...)” (HUXLEY, 1974, p. 146). De um ponto de vista crítico-revolucionário, para empregar terminologia de Korsch (1975), uma tal tese é descabida, pois não existe universo autônomo da poesia em particular, nem da arte em geral. A arte, a ciência, a filosofia, educação etc. são partes de uma totalidade mais ampla e são por esta determinada. Não se constituem como universo autônomo, nem existem em si e por si mesmas.

Como disse em seção anterior, Huxley é um grande crítico da especialização do trabalho. Defende em *A Ilha* e também em seus textos filosófico-políticos a superação desta ultraespecialização, tanto do trabalho intelectual, quanto de todas as demais formas de trabalho. O ser humano deve ter um desenvolvimento mais completo, realizando trabalho manual, intelectual, não sendo, no trabalho intelectual um especialista etc. Aqui, ele e Marx estão em inteiro acordo, apesar de Huxley não saber disto, tendo em vista as críticas que dirige a Marx.

Contudo, Huxley tem uma visão limitada disto. Ele não consegue superar *in totum* o problema das classes sociais. Por exemplo, em Pala existe uma família real, que não acumula

riquezas para si tal como ocorre em outras partes do mundo. Contudo, é família real, vista como tal, entendida e respeitada como tal. Bastando, para tanto, a ansiedade e temor que estão os moradores da ilha diante da posse de Murugan, pois os palaneses conhecem seu projeto e não o querem. Mas se ele será rei, Rajá, terá poder, mesmo que seja limitado, pois Pala é uma monarquia constitucional. Ou seja, Huxley critica a divisão social do trabalho, mas sua crítica não é radical, no sentido de ir à raiz. Pala é uma utopia, mas uma utopia que não conseguiu eliminar este peso morto da história que são as classes sociais.

Também, em *A Ilha*, há instituições muito problemáticas do ponto de vista de se pensar uma utopia radical e inovadora, que de fato contribua, como projeto, para se pensar uma mudança real do mundo. Pois a utopia, quando bem constituída, é ela também parte da luta, do processo de mudança. Ou seja, o novo mundo a ser construído já existe hoje, mas hoje ele é só projeto e as utopias são sua mais acabada expressão. Mas Huxley, tal como não conseguiu eliminar as classes, também não conseguiu eliminar o Estado. Discutindo o problema da educação em Pala, que difere da russa, chinesa e europeia/americana, como já destacamos antes, o subsecretário de educação, Mr. Menon, afirma: “Ambas diferem das nossas. Qual a finalidade da mocidade palanesa? Não se destina a tudo consumir em massa nem tampouco ao fortalecimento do Estado. É claro que o Estado tem que subsistir e que deve haver o suficiente para todos. Isto é preciso ser dito” (HUXLEY, 1974, p. 256).

Ainda referindo-se sobre a questão do Estado e como este é provedor do bem estar da comunidade, tratando da questão do controle populacional de Pala (influência do neomalthusianismo), há o seguinte diálogo entre Ranga e Will:

- Os anticoncepcionais são adquiridos com facilidade?
- São distribuídos pelo governo e isentos de qualquer despesa. Gratuitamente. As despesas, se é que você quer ser preciso, são aquelas representadas pelas contribuições oriundas dos impostos. No princípio de cada mês, o carteiro entrega uma provisão para trinta dias (HUXLEY, 1974, p. 104).

O último ponto que quero destacar, apesar de outros ainda poderem ser listados, está expresso no seguinte diálogo entre Dr. Robert e Will:

- A título de curiosidade, quem é o dono de tudo isso? — perguntou Will. — O seu regime é o capitalismo ou o socialismo estatal?
- Nenhum dos dois. Na maior parte do tempo, trabalhamos no sistema cooperativo. A agricultura palanesa sempre se baseou na construção de plataformas e em obras de irrigação, e isso requer acordos amigáveis e esforços conjugados das firmas concorrentes. As competições não são compatíveis com o plantio de arroz num país montanhoso. Por isso o nosso povo achou simples passar, na comunidade de uma vila, do sistema de auxílios mútuos para as técnicas eficientes do cooperativismo. É nesse sistema que compram, vendem, financiam e dividem os lucros (HUXLEY, 1974, p. 184).

Compram, vendem, financiam, dividem os lucros são todos processos muito caros às sociedades mercantis. No caso da sociedade burguesa em particular, que é de onde brota a

utopia de Huxley, trata-se da compra, venda, financiamento e lucratividade pensada dentro do quadro de relações burguesas. Huxley não consegue romper, nem no plano de uma elaboração ideal, com tais processos, demonstrando a força da episteme burguesa e como ela, inscientemente, faz os indivíduos pensarem dentro dos limites da sociedade que a gerou. A episteme burguesa, como “forma subjacente de pensar” (VIANA, 2018) cria barreiras ao pensamento. Somente tornando-se consciente de sua existência é possível pensar sua superação, bem como a superação da sociedade que gera a episteme dominante, no caso, a burguesa.

Eis a força da episteme burguesa no pensamento de Huxley. É claro que o Estado tem que subsistir, que o subsecretário tem que subsistir, que a família real, o dinheiro, o lucro, os bancos, as classes, o mercado, os impostos etc. têm que subsistir. O que tais restos do velho mundo presentes em sua utopia demonstram é a dificuldade de Huxley romper radical e definitivamente com o mundo burguês e com a episteme que este gera.

Will Farnaby: um alter ego do leitor

O protagonista da história é Will Farnaby. É jornalista de certo renome, trabalha para Joe Aldehyde, capitalista com investimento em várias áreas, sendo uma delas a comunicação, sendo proprietário de importantes jornais, dos quais Will é correspondente internacional. Mas é o petróleo, como já salientamos, o principal ramo de atividade de Aldehyde.

O enredo de *A Ilha* começa exatamente com o naufrago Will Farnaby, machucado, aterrorizado com o naufrágio, com as cobras que encontrou na subida da praia pelas escarpas até o altiplano. Foi encontrado por Mary Sarojini e Tom Krishna, filhos de Susila e netos do Dr. Robert. É levado em seguida para a casa do Dr. Robert, onde recebe os primeiros cuidados (físicos e psicológicos), onde conhece a enfermeira Radha e seu namorado Ranga e onde se encontra, pela primeira vez com Rani e Mr. Bahu e pela segunda vez com Murugan.

É também nesta casa, que é iniciado o contato de Will com a história, princípios éticos, modo de vida etc. de Pala. E isto terá grande importância para o desenvolvimento deste personagem. Inicialmente, seu único interesse era conseguir estabelecer relações em Pala que permitisse ao seu patrão, Joe Aldehyde, por as mãos no petróleo de Pala. Se conseguisse qualquer avanço nesta matéria, receberia importante quantia, que o liberaria de trabalhar um ano inteiro.

Trata-se, como se vê, de proposta bastante tentadora e é tudo o que qualquer um, ou pelo menos, a maioria de nós desejaria. E como já demonstramos, Aldehyde por as mãos no petróleo de Pala significa exatamente o fim daquele modo de vida daquela feliz ilha. Will sabe disto, mas, enfim, se conseguir levar a cabo a empreita de tornar o petróleo palanês propriedade de

seu patrão, obterá um ano de liberdade para fazer o que bem entender e, inclusive, não fazer nada.

Após o diálogo, ao qual já me referi antes, entre Will, Mr. Bahu, Rani e Murugan, quando Will começa a conhecer os interesses conflitantes na Ilha, ou seja, o de Rani e Murugan e do restante de Pala. Mesmo assim, mantém-se defendendo seu próprio interesse, de ficar um ano em liberdade, começa a conspirar com estes três para que Aldehyde consiga entrar em Pala. Logo em seguida, começa a conhecer um pouco melhor e mais profundamente as pessoas desta encantadora ilha. É o diálogo, também já citado, entre Will, Radha e Ranga, no qual Will conhece um pouco mais sobre o amor, a liberdade e a metafísica de Pala. Ao final, ele pede que Radha coloque no correio uma carta endereçada a Joe Aldehyde, dizendo que ele havia iniciado negociações com a família real palanesa e se poderia ou não continuar com as transações. Radha, inconsciente desta trama, consente em enviar a carta, ao que Will reflete em silêncio: “Observando-os enquanto se retiravam, Will sentiu uma dor aguda na consciência. Que jovens encantadores! E ele ali estava conspirando com Bahu e as forças da História, para subverter o mundo deles!” (HUXLEY, 1974, p. 111).

Vê-se, pois, que apesar de ainda manter a defesa de seu interesse egoísta e imediato, ficar um ano sem trabalhar, mesmo às custas de colocar o modo de vida de toda uma população em jogo, aparece já uma “dor aguda na consciência”. À medida que a trama vai se desenvolvendo, Will vai aos poucos assimilando o modo de vida, pensamento, sentimentos predominantes (amor, compaixão, solidariedade), as formas de organização da economia, da vida política, dos processos educacionais, a vida religiosa singular de Pala, a vida pessoal de alguns personagens, por quem começa a desenvolver afeição etc. A cada momento, um novo aspecto de Pala vai sendo demonstrado a Will e ele vai aprendendo, com profundo interesse a vida palanesa.

Isto provoca em nosso protagonista profundas mudanças. Will já era um crítico de seu mundo, que produzia uma “vida cinza”. Começa a descobrir em Pala que é possível viver de forma diferente, ou seja, livre e feliz. Inicialmente, alinha-se, no interesse mesquinho de ganhar algum dinheiro, ao projeto de Murugan, Rani e Mr. Bahu. Mas aos poucos, vai se afastando deles, percebendo ali somente a promessa da “vida cinza”.

Há uma cena exemplar desta mudança. Will está com Mary Sarojini numa praça, uma multidão faz um grande burburinho. Lakshimi, esposa do Dr. Robert, está à beira da morte e Will aguarda nesta praça o momento de ir ao hospital acompanhar a *maithuna* da morte, ou seja, o ritual de despedida palanês para os enfermos ao pé da morte. Neste momento, Murugan o encontra com um bilhete de Rani e o entrega a Will. Após terminar a leitura, Murugan chama-

o imediatamente para ir ver sua mãe, pois parece que algo de grande importância está sendo planejado e Rani gostaria que Will fizesse parte da trama. Will se nega a ir com Murugan, dizendo que tem algo mais importante a fazer neste momento, a que o futuro rei palanês pega com força em seu braço puxando-o para ir com ele. Will reage com veemência, chamando o futuro Rajá de “idiotinha”.

Sua crise de consciência é expressa na seguinte reflexão:

Terminada a leitura [do bilhete L.M.], Will dobrou as três folhas perfumadas de papel azul e colocou-as no envelope. Seu rosto nada demonstrava, mas atrás daquela máscara de indiferença *fervia a indignação*. Estava indignado com a falta de educação e a vacuidade daquele rapaz tão bonito no seu pijama branco. Outra onda de indignação o invadiu quando o perfume, vindo daquela carta, atingiu novamente as suas narinas. *A carta daquele monstro grotesco*, cujo primeiro objetivo na vida fora arruinar o próprio filho, em nome da castidade e do amor materno! A carta daquela mulher que, usando Deus e um grupo de Mestres Ascendentes, *procurava transformá-lo — a ele, Will — em um novo cruzado que, sob a bandeira oleosa de Joe Aldehyde*, viesse divulgar novos e inesperados acontecimentos. Estava irritado consigo mesmo, por ter-se deixado envolver com aquela dupla ridículamente sinistra. *Não podia saber onde pretendiam levar aquela vil conspiração contra a decência humana*. E isso viera acontecer a ele... a ele que nunca aceitava o “sim” como resposta e nunca deixara de acreditar secretamente (e como que entusiasmo!) que um dia pudesse defender os direitos do homem! (HUXLEY, 1974, p. 314) (grifos nossos).

Will qualifica o jovem de “mal educado”, Rani de “monstro grotesco”, ele próprio de “cruzado, sob a bandeira oleosa de Joe Aldehyde”. Indigna-se consigo mesmo por ter-se deixado levar por aquela vil conspiração contra a “decência humana”. Segue-se daí que Will não acompanha Murugan para compor junto à dupla sinistra o plano que estava aparentemente em curso. Mas o que propriamente era tão importante que Rani e Murugan estavam tramando? Will não quis conspirar com a dupla sinistra, despediu-se de Murugan e saiu com Mary Sarojini rumo ao hospital em favor da decência humana.

Em seguida, deixando o rapaz para traz, reflete:

Deveria voltar? Seria a coisa mais sensata e mais inócua que tinha a fazer. Contudo uma voz interior (...) gritava com toda força: “Miserável, Miserável”. Consciência? Não. Moralidade? Deus me livre! A sordidez, a feiura e a vulgaridade que ultrapassam desnecessariamente o cumprimento do dever, são coisas com as quais um homem de bom gosto não pode compactuar (HUXLEY, 1974, p. 318).

Ou seja, após refletir brevemente sobre se deveria compor a trama sinistra (qual?) ou ir rumo à decência humana, decide-se pela segunda. Vai com Mary Sarojini para a *maythuna* da morte, deixando definitivamente para traz a avareza, interesse mesquinho pelo lucro, a sordidez, a feiura, a vulgaridade, hipocrisia, cinismo vulgar... Will, com isto, deixa para traz também seu “um ano inteiro de liberdade”.

Após acompanhar, no leito de Lakshimi a *maytuna* da morte, sai do hospital com Susila McPhail. Segue o seguinte diálogo:

Quando Susila fez uma curva antes de atingir a rodovia, a luz dos faróis incidiu sobre um pequeno carro verde que vinha descendo pelo atalho.

— Não é o “Baby-Austin” real?

— É, sim — disse Susila. — Gostaria de saber para onde a rani e Murugan estão indo a esta hora da noite.

— não é para fazer nada de bom — conjeturou Will.

De repente, disse a Susila da sua condição de viajante sem rumo, a serviço de Joe Aldehyde. Falou-lhe das suas relações com a rainha-mãe e com Mr. Bahu.

— Você teria motivo para me deportar amanhã — concluiu.

— Não agora que você já mudou de mentalidade — disse ela. (...)

— Sabia que Murugan e a rani estavam conspirando contra vocês?

— Eles não fazem segredo disso.

— Então por que não se livram deles?

— Por que seriam imediatamente reconduzidos ao poder pelo Cornel Dipa. A rani é a princesa de Rendang e se a expulsássemos, criaríamos um *casus belli*.

— E que pretendem fazer?

— Tentaremos mantê-los dentro da ordem, tentaremos mudar-lhes a mentalidade, esperar que o futuro seja bom e estarmos preparados para o pior (...) (HUXLEY, 1974, p. 328/329).

Will mudou de mentalidade. Seu interesse não é mais “um ano de liberdade”, que seria conseguido através da conspiração de Rani e Murugan contra Pala, sob a “bandeira oleosa de Joe Aldehyde”. É mais amplo, consiste em compartilhar com os palaneses a possibilidade de uma vida livre, feliz, fundada na “decência humana”. Will é, neste particular, uma espécie de alter ego do leitor. No início do trecho, Huxley leva-nos a concordar com o protagonista, que o melhor a fazer é ganhar seu “um ano de liberdade”. Mas após conhecer a Ilha, Will se transforma, e percebe que há interesses mais amplos, mais dignamente humanos. A metamorfose de Will pode ser também a metamorfose do leitor, terminando, ele também, transformado.

Mas para onde dirigem-se Murugan e Rani? O que conspiram? Há algo de grande e odioso em curso? O que?

O destino de Pala: utopia ou transcendência?

O último capítulo do livro é quase inteiramente destinado ao relato de uma experiência psicodélica. Will toma o moksha na casa de Susila e segue-se toda uma descrição, a qual Huxley já é bem habituado, tendo em vista seus vários trabalhos publicados sobre esta matéria, sendo *As Portas da Percepção* o mais significativo. Digo quase inteiramente dedicado a isto, pois as últimas páginas selam o destino de Pala. E é sobre isto que trataremos aqui, não abordando, portanto, a experiência psicodélica.

Merece menção, contudo, a conclusão da experiência de Will com o Moksha, na qual descobre a “gratidão por estar vivo”, “gratidão pela compreensão”, a “gratidão por ter estado em união com a unidade divina”. Dito como está, trata-se somente de uma descrição sem vida e sem cor, tendo em vista o modo vivo, integrado e artisticamente surpreendente como Huxley

trata o tema. De qualquer forma, serve-nos como suporte à compreensão do que segue ao destino de Pala e do que pensa Huxley.

Após saírem do hospital, cruzarem com o carro de Rani e Murugan, Will ter sua experiência psicodélica, a qual durou várias horas, praticamente a noite inteira, ambos, Will e Susila, tem sua atenção direcionada para um tiroteio que ocorre nas proximidades. Saem do bangalô e veem uma carreta subindo a rua. Um som de um megafone, do qual sai uma voz esganiçada, anuncia:

— Povo de Pala... — e a voz ampliada explodiu em sons inarticulados. Guinchos, rugidos, novos guinchos, e então: — O seu rajá lhes fala... Permançam calmos... dêem as boas-vindas aos seus amigos da outra margem do Estreito. De repente Will reconheceu aquela voz.
— É Murugan.
— Ele está com os soldados de Dipa.
— Progresso — dizia a voz insegura e excitada. — Vida moderna (...), verdade, valores... verdadeira espiritualidade... Petróleo (HUXLEY, 1974, p. 355).

Em seguida:

— O trono de meu pai — uivava a voz esganiçada e tremendamente ampliada — se uniu ao trono dos antepassados de minha mãe... Duas nações irmãs que de mãos dadas marcham para frente, para o futuro... E esta nação fará parte, de agora em diante, do Reino Unido de Rendang e Pala. O Primeiro Ministro desse reino é o grande político e líder espiritual, Coronel Dipa (HUXLEY, 1974, p. 356).

A procissão sinistra para em frente ao bangalô do Dr. Robert, um tiro é ouvido. Um corpo cai no chão. A carreta monstruosa dá meia volta e os carros vão se retirando ao som terrível saindo do megafone. A união entre Pala e Rendang está consumada. O petróleo será explorado. A Cruzada do Espírito triunfará com os rendimentos desta nova exploração. Progresso, modernização, petróleo, industrialização, favelas, cortiços, fome, guerra civil etc. etc. etc. O golpe de estado está consumado. A utopia principia seu fim. A vida cinza entra sem pedir licença.

Apesar disto, Will reflete que

(...) a verdade sobreviveria e seria sempre a mesma em toda parte (...); a verdade de que a essência de todo ser poderia se manifestar inteiramente num arbusto em flor, num rosto humano; a verdade da existência de uma luz e de que essa luz também era compaixão (HUXLEY, 1974, p. 357).

Isto está em inteiro acordo com o que diz no seu ensaio filosófico-político *O Despertar do Novo Mundo*, ao discutir do problema das diferentes formas de se alcançar a utopia: uns defendem que o caminho é realizar reformas econômicas de longo alcance e em larga escala. Outro, que é fundamental revolta armada e conquista militar. Contudo, a utopia só será realmente possível mediante a prática do “desapego”, como principal e fundamental ponto de partida, tal como ensinaram os grande sábios e fundadores de religiões: Cristo, Buda, Krishna etc.

A utopia abstrata de Huxley tinha que acabar assim: a) com o fim da Pala utópica; b) com a proposição da verdade transcendental como verdadeira resposta ao drama humano na terra; c) mais do que uma fé no futuro humano realizado, plenificado, sua utopia abstrata revela um desespero ou descrença na possibilidade de edificação de um verdadeiro “céu na terra” e, de certa forma, uma impotência diante do capital e do Estado; d) o fim da Pala utópica é a anti-utopia do capital: modernização, indústria, militarismo, golpe de Estado, petróleo, comércio, cobiça, competição, ganância etc.; e) a cena final é desesperadora, termina com um golpe de Estado, mas é também reveladora: a verdade está na vida e na prática transcendental, no desapego. O que é também desesperador do ponto de vista político; f) No fim, de alguma forma, o que nos ensina *A Ilha* de Huxley, é que uma verdadeira utopia concreta, para lembrar a terminologia blochiana, não pode ser numa ilha isolada do mundo, tem que ser global. Ou seja, a *Utopia* de Morus, a *Cidade do Sol* de Campanella, *A Nova Atlântida* de Bacon, a *Icária* de Cabet, o *Eldorado* de Voltaire etc. foram possíveis em seu tempo. Desde que o capital se tornou esta realidade global, qualquer utopia, para ser concreta, deve partir da superação do isolamento insular¹¹.

Considerações finais

À guisa de conclusão, diria que a utopia de Huxley é uma das melhores já escritas, como, de resto, é a maioria de seus escritos. É uma utopia profunda, filosoficamente desenvolvida, descreve a vida humana de modo intenso e não caricatural. Sua fé na vida melhor, feliz, realizada, bem como sua erudição e sensibilidade literária levaram sua obra a níveis bastante elevados. Contudo, sua má compreensão do marxismo (como utopia concreta), sua desconsideração pelos processos sociais reais, a luta de classes, como forma de consecução de uma verdadeira utopia, bem como seu misticismo acabaram por conduzir *A Ilha* aos tão limitadores horizontes de uma utopia abstrata.

Referências

- BACON, Francis. *Nova Atlântida*. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- BICCA, Luiz. *Racionalidade moderna e subjetividade*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. V. 1. Rio de Janeiro: Contraponto/EdUERJ, 2005.
- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. V. 2. Rio de Janeiro: Contraponto/EdUERJ, 2006a.
- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. V. 3. Rio de Janeiro: Contraponto/EdUERJ, 2006b.

¹¹ Wells (2021), em sua insossa utopia, até propôs isto, mas de um modo tão limitado e literariamente tão precário, que a leitura é demasiado penosa.

- BLOCH, Ernst. *Despedida de la utopia?*. Madrid: Machado Libros, 1980.
- BOGDANOV, Aleksandr. *Estrela vermelha*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CAMPANELLA, Tomaso. *A cidade do sol*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- COELHO, Teixeira. *O que é utopia*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- FRAGA, Paulo Denisar. Utopia: roteiro de um conceito. *Revista Espaço Acadêmico*. Num. 186. Nov. de 2016.
- HUXLEY, Aldous. *A Ilha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. Porto Alegre/Rio de Janeiro, 1981.
- HUXLEY, Aldous. *A filosofia perene*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d a.
- HUXLEY, Aldous. *O despertar do novo mundo*. São Paulo: Hemos, s/d b.
- HUXLEY, Aldous. *A situação humana*. São Paulo: círculo do livro, s/d c.
- HUXLEY, Aldous. *O macaco e a essência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- KORSCH, Kar. *Karl marx*. Salamanca: ABC, 1975.
- LE GUIN, Úrsula K. *Os despossuídos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- MAIA, Lucas. *A concepção marxista de autogestão*. In: VIANA, Nildo. O marxismo autogestionário. Goiânia: Edições Redelp, 2020.
- MAIA, Lucas. *A burocracia escolar*. In: SILVA, José Santana da; BRAGA, Lisandro; MAIA, Lucas (orgs.). *Classes, Estado & sindicalismo*. São Carlos: Pedro & João, 2013.
- MAIA, Lucas. *Leitura epistêmica de O Capital*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2021.
- MAIA, Lucas. *Psicanálise e utopia em Ernst Bloch*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2024.
- MAIA, Lucas. Escola, pedagogias e transformação social. *Revista Espaço Crítico*. NUSEC – IFG Aparecida de Goiânia – Ano 3 - Vol. 1 – N. 1 – junho de 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ekpLkE88zGKPGu9LbyeUIZnhWUG0LkPI/view>, acesso em 06/04/2025.
- MARX, Carlos & ENGELS, Federico. *Correspondencia*. Habana: Cuba, 1988.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã I*. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1976.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- MATIASZ, George. A. *Fim: notas sobre os últimos dias do império americano*. São Paulo: Conrad, 2001.
- MATTICK, Paul. *Rebeldes y renegados: la función de los intelectuales y la crisis del movimiento obrero*. Barcelona: Icaria, 1978.
- MIEVILLE, China. *A cidade e a cidade*. São Paulo: Boitempo, 2014.

MONDOLFO, Rodolfo. *Estudos sobre Marx (histórico-críticos)*. São Paulo: Mestre Jou, 1967.

MORRIS, William. *Notícias de lugar nenhum: ou uma época de tranquilidade*. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

MORUS, Thomas. *Utopia*. São Paulo: Ediouro, s/d.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Editora Nacional, 1986.

PETITFILS, Jean-Chistian. *Os socialismos utópicos*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

VIANA, Nildo. *Karl Marx e as classes sociais*. Florianópolis: bookess, 2012.

VIANA, Nildo. *Marxismo original e utopia*. Informe e Crítica. 22 de março de 2020. Disponível em: <https://lilianbacich.com/2020/08/21/como-citar-um-texto-deste-blog/> acesso em 31/05/2022.

VIANA, Nildo. *Karl Marx: a crítica desapiedada do existente*. Florianópolis: Bookess, 2016.

VIANA, Nildo. *O modo de pensar burguês: episteme burguesa e episteme marxista*. Curitiba: CRV, 2018.

VIANA, Nildo. *Hegemonia burguesa e renovações hegemônicas*. Curitiba: CRV, 2019.

WELLS, H. G. *Uma utopia moderna*. Jandira, SP: Principis, 2021.

Resumo: A obra de Aldous Huxley é ampla, abordando diversos temas (filosofia, política, misticismo, experiências psicodélicas etc.). Ele é mais conhecido, contudo, por sua produção literária, que também vasta. Este ensaio discute um de seus livros literários: *A Ilha*. Esta é a única obra utópica do autor. Realiza-se neste ensaio uma análise crítica desta obra em particular, mas inserindo-a no todo da prolífera produção de Aldous Huxley. Para tanto, discute-se os conceitos de utopia (abstrata e concreta), de humanismo (radical e abstrato). É partir daí, descrevendo analiticamente o trecho do romance, que determinamos a natureza ou que tipo de utopia e de humanismo estão expressos em *A Ilha*.

Palavras-chave: A Ilha; Aldous Huxley; Utopia; Humanismo.

Resumen: La obra de Aldous Huxley es amplia y abarca una variedad de temas (filosofía, política, misticismo, experiencias psicodélicas, etc.). Pero es más conocido por su producción literaria, que también es enorme. Este ensayo aborda uno de sus libros literarios: *La Isla*. Esta es la única obra utópica del autor. Este ensayo presenta un análisis crítico de esta obra en particular, pero insertándola en el conjunto de la prolífica producción de Aldous Huxley. Para ello se discuten los conceptos de utopía (abstracta y concreta) y humanismo (radical y abstracto). Es a partir de allí, al describir analíticamente la trama de la novela, que determinamos la naturaleza o qué tipo de utopía y humanismo se expresan en *La Isla*.

Palabras clave: La Isla; Aldous Huxley; Utopía; Humanismo.

*Recebido em: 08/02/2025

*Aceito em: 10/04/2025.